



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



PAREAYUP MATE IKPENG

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO POVO IKPENG: SABERES E
PRÁTICAS DA CULTURA TRADICIONAL**

Barra do Bugres – MT
2024

PAREAYUP MATE IKPENG

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO POVO IKPENG: SABERES E
PRÁTICAS DA CULTURA TRADICIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena
Intercultural – PPGECH - Universidade do Estado de Mato
Grosso (UNEMAT) – Campus de Barra do Bugres como
requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em
Ensino em Contexto Indígena Intercultural

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Landin Negreiros

Linha de Pesquisa: Ensino e Linguagens em Contexto
Intercultural

Barra do Bugres – MT

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Ikpeng, Pareayup Mate.

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO POVO IKPENG: SABERES E PRÁTICAS
DA CULTURA TRADICIONAL / Pareayup Mate Ikpeng. - Cáceres, 2024.
126f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII
- Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário
De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Cláudia Landin Negreiros.

1. Povo Ikpeng. 2. Educação Escolar Indígena. 3. Alfabetização.
Ensino de Língua Materna. I. Negreiros, Cláudia Landin. II.
Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 37 (=081)

FOLHA DE APROVAÇÃO

PAREAYUP MATE IKPENG

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO POVO IKPENG: SABERES E
PRÁTICAS DA CULTURA TRADICIONAL**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Cláudia Landin Negreiros
Orientadora – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT - PPGECH

Prof. Dr. Gustavo Rodrigues Canale
Membro Externo – Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

Prof.^a Dr.^a. Maria Helena Rodrigues Paes
Membro Interno – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT - PPGECH

Prof. Dr. João Severino Filho
Membro Interno – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT (Suplente)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao Povo Ikpeng, do estado de Mato Grosso, em especial à minha família: esposa Wanketxi Mari Txicão, pela sua presença constante em minha vida, aos meus filhos e filhas: Matariowy Aianga Pytá Ikpeng, Yamrá Siro Petan Ikpeng, Makurawá Yuporetá Ikpeng, Kayo Kamagatxi Ikpeng, Moang Tamar Ikpeng, Pītayru Reakatu Ikpeng e Amamkori kutsi Ikpeng, pelo orgulho e felicidade que me fazem sentir.

Aos meus irmãos que apostaram e depositaram confiança em mim, Korotowï Taffarel, Kekgrīnpo Pyta Ikpeng, Ayaneku Txicão, Katuma Ewoerá Ikpeng e Nongkiru Wemo Ikpeng. E também dedico este trabalho à escola Ikpeng, que disponibilizou sala, e especialmente aos anciões que contribuíram direta e indiretamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pela paciência e pela ajuda, a minha comunidade da aldeia Arayó, que me incentivaram a caminhar e superar obstáculos enfrentados durante a minha jornada, e ao meu povo Ikpeng, que sempre acreditou e apostou na potência que tenho; e também na potência das juventudes que seguirão o mesmo caminho.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC) e à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (SECITEC).

Agradeço a colaboração dos professores e professoras que de forma direta contribuíram com a construção desta dissertação: Rosane Duarte Rosa Seluchinesk, Mônica Cidele da Cruz, Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira, João Severino Filho, Raimundo Nonato Cunha de França, Maria Helena Rodrigues Pães (Ninha), Adailton Alves da Silva e Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira. Meus agradecimentos aos meus colegas mestrando que ingressaram comigo no PPGECCII.

Meus agradecimentos ao Povo Ikpeng, do estado de Mato Grosso, pelo respeito, amizade e informações. Manifesto toda a minha gratidão às lideranças e aos professores da Escola Estadual Indígena Central Ikpeng.

Agradeço imensamente à minha orientadora, professora doutora Cláudia Landin Negreiros, pelo trabalho desenvolvido na UNEMAT, por me orientar nesta dissertação de mestrado, por me auxiliar durante este tempo que estive em qualificação, além de trazer informações relevantes à realização desta pesquisa.

Agradeço à Banca Examinadora, Prof^ª Dr^a Maria Helena Rodrigues Paes, Prof. Dr. Gustavo Rodrigues Canale e Prof. Dr. João Severino Filho, como suplente, pelas considerações e contribuições.

Agradeço a todas as lideranças Ikpeng pelo apoio, para que eu chegasse a este nível, e pela confiança que tiveram em mim para que eu pudesse trabalhar como educador.

Agradeço aos anciãos Kampot Ikpeng, Wawana Ikpeng, Yakawi Ikpeng Oporike Ikpeng e Oyopé Txicão, aos alunos e professores da Escola Estadual Indígena Central Ikpeng, e especialmente agradecer o cacique Melobô Ikpeng, pela confiança em mim.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil – Código de Financiamento 001.

RESUMO

A presente pesquisa trata da educação de casa e do processo próprio de ensino na Escola Estadual Indígena Central Ikpeng. Essa escola indígena é resultado de intensas reivindicações do povo Ikpeng, pelo reconhecimento, legitimação e credenciamento pelo estado. Realizada com as comunidades das aldeias Arayó e Moygu, na Terra Indígena Xingu, no município de Feliz Natal, no estado de Mato Grosso, Brasil, esta investigação, de abordagem qualitativa, tem como objetivo principal caracterizar a educação Ikpeng. E como específicos: apresentar o povo Ikpeng em relação aos aspectos sociais e culturais; mostrar a preservação de traços da língua falada pelos mais antigos do povo que vêm sendo abolidos pelos mais jovens; elaborar um material didático para alfabetização de crianças na língua materna Ikpeng. Para a construção desse material, foi necessária a ajuda dos professores, do diretor e dos alunos (para ilustrar e/ou fazer figuras para colocar nas atividades), o qual deverá ser utilizado nas escolas Ikpeng, com o intuito de fortalecer a identidade e a cultura desse povo.

Palavras – Chave: Povo Ikpeng. Educação Escolar Indígena. Alfabetização. Ensino de Língua Materna

ABSTRACT

This research deals with home education and the teaching process itself at the Ikpeng Central Indigenous State School. This indigenous school is the result of intense demands by the Ikpeng people for recognition, legitimization and accreditation by the state. Carried out with the communities of the Arayó and Moygu villages, in the Xingu Indigenous Land, in the municipality of Feliz Natal, in the state of Mato Grosso, Brazil, this investigation, with a qualitative approach, has as its main objective to characterize Ikpeng education. And as specific: present the Ikpeng people in relation to social and cultural aspects; show the preservation of traces of the language spoken by the oldest of the people that have been abolished by the youngest; develop teaching material for children's literacy in their mother tongue Ikpeng. To create this material, the help of teachers, the director and students was necessary (to illustrate and/or make pictures to include in the activities), which should be used in Ikpeng schools, with the aim of strengthening identity and culture of these people.

Keywords: Ikpeng People. Indigenous School Education. Literacy. Language Teaching

RESUMO NA LÍNGUA IKPENG

Nelogon mamingo irampot owro warap kuratxanoptongetgetpot, kurorempangetketpot, kurorempanpotparap, Amure warap wempangetketpot. Nelogon mamingo egemetponpîn, îwanarangte, Arayo, Moygu mapo, Feliz Natal, Mato Grosso, Brasil ro. Kutotketpot, wempangetketpot eganoptxan nelogon mamingo, otît îlon, nelogon ke tîmawok yenpatangte Ikpeng mîran parako marangmotxingmo orempanpot mîra enpatowowok. Nelogon kurompanpot, erangron wîinigokutpîn, ako epkewa mas enentemkom tupi ningkîn keni nen man nelogon kurorempanpot. Ket nelogon mamingo akerek îlon etxan marangmotxingmo orempanpot mîra enpatowowok. Nelogon marangmotximo orempanpot etxan kurorempanpot parak, ketpotke orempangeteket marangmotxingmo mîra enpatowowok, enentît man îlon kutketpot. Kepotke itîtman amnumerîwa wîmtan, kutotketpot.

Palavras-chaves: Ikpeng ningkîn, Ikpeng orempanpot, Ikpeng mîran enpatowo

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC _ Acre
AD _ Advérbio de Negação
AM _ Amazonas
AI _ Assessoria Internacional
CEEI _ Conselho da Educação Escolar Indígena
CEDI _ Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CEIBTEC _ Centro Educacional Interdisciplinar do Brasil
CIMI _ Conselho Indigenista Missionário
CONJ. ADT _ Conjunção Aditiva
CPI _ Comissão Pró-Índio
CTI _ Centro de Trabalho Indigenista
D.O. _ Diário Oficial
DC _ Desenvolvimento Comunitário
EEICI _ Escola Estadual Indígena Central Ikpeng
FAINDI _ Faculdade Indígena - UNEMAT
FUNAI _ Fundação Nacional do Índio
GT _ Grupo de Trabalho
MT _ Mato Grosso
MEC _ Ministério da Educação e Cultura
MJI _ Movimento dos Jovens Ikpeng
ONU _ Organização das Nações Unidas
ONG _ Organização Não Governamental
OPIR _ Organização dos Professores Indígenas de Roraima
PIX _ Parque Indígena do Xingu
PCH _ Pequena Central Hidrelétrica
P.PL _ Pessoa Plural
PPGECII – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Contexto Indígena Intercultural
PPP _ Projeto Político Pedagógico
PREP. _ Preposição
RCNEI _ Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas
RO _ Rondônia
SP _ São Paulo
SEC _ Secretaria
SPI _ Serviço de Proteção do Índio
SIL _ Summer Institute of Linguistics
SBST. PL _ Substantivo Plural
TIX _ Terra Indígena do Xingu
TCC _ Trabalho de Conclusão do Curso
UNICAMP _ Universidade de Campinas
UFBA _ Universidade Federal de Bahia
UFMT _ Universidade Federal de Mato Grosso
UNEMAT _ Universidade do Estado de Mato Grosso
UNICEIB _ União do Centro Educacional Interdisciplinar do Brasil
UNI – União das Nações Indígenas

UFRJ _ Universidade Federal de Rio de Janeiro

USP _ Universidade de São Paulo

V _ Verbo

V.INT _ Verbo Intransitivo

V. S.F _ Verbo Substantivo Feminino

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 _ Descrição das palavras usadas para chamar os pais e avós.....	30
Quadro 2 _ Descrição das palavras usadas para falar eu, você e meu amigo.....	30
Quadro 3 _ Dados de fala entre os jovens e os anciões.....	32
Quadro 4 – Professores da Escola Indígena e sua formação.....	64
Quadro 5 _ Professores que trabalham no 1º e 2º ciclo, que corresponde do 1º ao 5º ano do Ensino fundamental.....	65
Quadro 6 _ Professores que trabalham no 2º e 3º ciclo, que corresponde do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.....	65
Quadro 7 _ Professores que trabalham do 1º ao 3º ano do Ensino Médio.....	65
Quadro 8 – Diretoria.....	66
Quadro 9_ Equipe de apoio da escola.....	66

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Partes da dissertação.....	20
Figura 2 _ Esquema de linha do tempo do povo Ikpeng.....	22
Figura 3 _ Mapa da Terra Indígena do Xingu.....	26
Figura 4 _ Território Indígena do Xingu.....	27
Figura 5 _ Mapa de localização das aldeias Ikpeng.....	28
Figura 6 _ Aldeia Arayó.....	37
Figura 7 _ Coordenação Técnica Local Pavuru - MT.....	38
Figura 8 _ Aldeia Moygu.....	38
Figura 9 _ Oficina de produção do desenho.....	39
Figura 10 _ Alunos apresentando trabalho.....	40
Figura 11 _ Capa do material educacional	41
Figura 12 _ Moang Tamar Ikpeng brincando de construir maloca.....	50
Figura 13 _ Alunos da Escola Estadual Indígena Central Ikpeng.....	50
Figura 14 _ Aldeia Moygu.....	53
Figura 15 _ Final do ritual - os padrinhos das crianças se preparando.....	55
Figura 16 _ Meninos no ritual de finalização da fase da vida.....	56
Figura 17 _ Meninos já preparados por seus padrinhos.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO DO AUTOR: QUEM SOU EU?	16
1.1 INTRODUÇÃO DO TRABALHO.....	18
2 O POVO IKPENG.....	21
2.1 BREVE HISTÓRIA DA ORIGEM DO POVO IKPENG.....	23
2.2 SITUAÇÃO TERRITORIAL.....	24
2.3 ATIX.....	25
2.4 A HISTÓRIA DO POVO IKPENG CONTADA POR UM ANCIÃO.....	27
2.5 A LÍNGUA IKPENG.....	29
2.6 INVENTÁRIO SEGMENTAL.....	35
3 METODOLOGIA.....	37
3.1 ELABORAÇÃO DO MATERIAL EDUCACIONAL - ETAPAS.....	39
3.2 O MATERIAL EDUCACIONAL/PRODUÇÃO PEDAGÓGICA.....	40
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	42
4.1 EDUCAÇÃO PARA OS ÍNDIOS E/OU EDUCAÇÃO PARA OS INDÍGENAS..	40
4.1.1 A interação dos índios à comunhão nacional: do SPI à FUNAI, SIL e outras missões religiosas.....	44
4.1.2 A formação de projetos alternativos de educação escolar: da participação de organizações não governamentais aos encontros de educação para indígenas.....	46
4.1.3 Experiências de autoria: da organização do movimento indígena aos encontros de professores indígenas.....	47
4.1.4 Os encontros de professores indígenas no Brasil.....	48
4.2 SITUAÇÃO OU PROCESSO EDUCACIONAL DO POVO IKPENG.....	49
4.2.1 Organização social.....	51
4.2.2 Modo de viver e de ser Ikpeng.....	52
4.2.3 Soberania alimentar.....	53
4.2.4 Passagem da fase da vida da criança para adolescente.....	54
4.2.5 Casamento.....	56
4.2.6 Natureza.....	57
4.2.7 Atual educação do povo Ikpeng.....	58
4.2.8 Processo próprio de ensino.....	59

4.2.9 Educação e o processo próprio de ensino dados à mãe desde a gravidez até a criança.....	60
4.2.10 Educação para a criança.....	61
4.2.11 Educação para pomeri (pomeri se refere a um menino tatuado)	62
4.2.12 Educação escolar Ikpeng.....	63
4.2.13 Elaboração do Projeto Político Pedagógico.....	64
4.2.14 Início de Ensino Médio Regular.....	66
4.2.15 Desafios na escolarização das crianças Ikpeng.....	66
4.2.16 Soluções adotadas para o ensino e a aprendizagem dos alunos Ikpeng.....	68
4.2.17 Breve história da escolarização na Terra Indígena Xingu.....	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	72

1 INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO DO AUTOR: QUEM SOU EU?

Meu nome é Pareayup Mate Ikpeng, sou mestiço, o meu pai era da etnia Kaiabi e a minha finada mãe era Ikpeng. Ela também era mestiça, pai Matipu e a mãe Ikpeng. Sou solteiro no estado civil, mas casado culturalmente, e tenho sete filhos. Moro na aldeia Arayó na Terra Indígena Xingu, no Município de Feliz Natal-MT. Sou professor graduado em Línguas, Artes e Literaturas, cujo trabalho de TCC é “Mudança e Variação na Língua Ikpeng”, defendido em 2016, no curso de Licenciatura para Formação de Professores Indígenas Intercultural, na Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT – Campus de Barra do Bugres.

Trabalho na Escola Estadual Indígena Central Ikpeng, também sou conselheiro da saúde da minha aldeia, Conselheiro Distrital da saúde indígena do Xingu, vice-presidente do Conselho Local de Saúde Indígena do Pavuru e Vice-presidente do Conselho Distrital da Saúde Indígena do Xingu.

Inicialmente, quando eu era criança, meus pais queriam que eu me tornasse uma pessoa estudada, sem deixar de ser Ikpeng ou Kaiabi, praticar a cultura e ajudar meu povo. Aprendi duas línguas simultaneamente, Karib Ikpeng e Tupi Guarani Kaiabi. Eu tinha nove anos de idade e não sabia falar a língua portuguesa, pois meus pais só falavam na língua materna deles.

Com dez anos de idade, minha mãe me surpreendeu com a minha indicação para passar na fase da vida, mas para ela era normal, pois quando a criança completa nove ou dez anos de idade, ela passa por um processo de fase da vida, seguindo a tradição, eu passei pela fase da vida adolescente. Por ser assim, fui preparado, educado e tatuado. Meu pai me educava e ensinava na cultura do Kaiabi, minha mãe me educava na cultura Ikpeng, e meus padrinhos me prepararam fisicamente.

A tatuagem é uma marca crucial para o povo Ikpeng, pois faz parte da identidade e, para tanto, todas as crianças que são tatuadas garantem o futuro do povo Ikpeng. Para isso, é preciso realizar uma cerimônia que dura um ano. Durante esse ano, os padrinhos preparam as crianças para se tornarem cidadãos Ikpeng, além de receberem educação dos pais.

Enquanto isso, meus pais me colocaram na escola do posto da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, não precisava de matrícula para estudar. Como a escola só ensinava a ler e a escrever, eu entendia um pouco o vocabulário da língua portuguesa, mas eu não sabia pronunciar. Mesmo com tanta dificuldade de ler, escrever e falar a língua

portuguesa, eu não apanhava da professora, porque não bagunçava, e eu fazia direitinho as atividades dadas por ela. Isso foi em 1994, ainda na época de palmatória, eu aprendi a ler e a escrever. Essa professora não indígena, contratada pela Funai, foi embora, e os monitores indígenas assumiram a sala de aula para dar continuidade na escolarização.

Em 2003 entrei no curso de magistério para formação dos professores em nível médio, do projeto Pedra Brilhante¹, executado pelo Instituto Socioambiental - ISA, mas infelizmente não procedeu porque esse projeto já estava em finalização. Enquanto eu estava cursando, minha mãe sofreu um ataque de aneurisma e foi a óbito. Eu quase desisti de tudo, mas havia pessoas ao meu lado para me dar força, então eu continuei.

Em 2005 iniciei o curso de magistério do projeto Haiyô², pelo estado de Mato Grosso. Em 2010, assim que terminei esse curso, saiu o Edital pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Prestei o concurso vestibular e passei, e em 2011, comecei a estudar no 3º Grau Indígena³, concluindo em 2016. Hoje faço mestrado, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH – UNEMAT – Campus de Barra do Bugres, e tudo o que eu faço não é para melhorar a minha vida, mas sim, para honrar as palavras dos meus pais. Para chegar até aqui não foi fácil, pois a minha vida tinha sido difícil em relação a minha família, estudo e meu trabalho. Eu entendo que a vida não teria a graça se não tivesse as cores para colorir a vida, principalmente os obstáculos enfrentados durante a nova jornada.

A minha jornada teve início no ano de 2003, quando comecei a participar do curso de magistério para formação de professores indígenas do Xingu, do Projeto Pedra Brilhante, executado pelo Instituto Socioambiental (ISA). No entanto, o projeto já estava em finalização, como relatado acima, então não consegui concluir o estudo. Porém, com a reivindicação das lideranças e caciques do Xingu, a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso - SEDUC assumiu a responsabilidade para continuar a formação dos professores indígenas, na qual o projeto foi denominado como Projeto Haiyô. Em 2005 começou o curso do Projeto Haiyô, terminando em 2010. Logo em seguida saiu o edital para concurso vestibular diferenciado para 3º Grau Indígena. Prestei o concurso vestibular com o intuito de aprimorar meu conhecimento e melhorar meu trabalho na escola e de ajudar meu povo e minha comunidade. Passei no concurso. Em 2011, ingressei na Faculdade Intercultural e terminei em 2016. Na faculdade eu queria fazer Matemática e

¹ Pedra brilhante é um urucum, e quando é comparado a um diamante, urucum brilha como um diamante.

² Haiyô é uma palavra indígena da etnia Nambikuara, que significa pessoa/gente de verdade.

³ Hoje, Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI – UNEMAT – Campus de Barra do Bugres.

Ciências Sociais, no entanto, eu fui pela minha dificuldade, pois eu tinha muita dificuldade de falar na língua portuguesa e de escrever também, por isso eu fiz Letras.

Para eu chegar até aqui, neste momento, não foi fácil, pois eu estava com problemas de saúde. E quando saiu o edital, eu estava sem condição física, mesmo assim eu tinha que enfrentar meus problemas de saúde, físicos e psicológicos. Na última semana de inscrição, eu elaborei o projeto para o ingresso para mestrado profissional na linha de pesquisa Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural, com o tema “Educação Ikpeng”.

O povo Ikpeng é falante do tronco linguístico Karib, juntamente com Arara, do Pará. A palavra Ikpeng significa Turung (vespa brava), por isso eles eram muito bravos e temidos. Até agora o povo Ikpeng é bravo, mas não pratica mais conflitos entre povos. Dizem os anciões que a sua origem teve início no Amazonas, ao atravessar o Pulé⁴, muitos indivíduos foram devorados pelos peixes grandes, os sobreviventes transitaram da Amazônia até Mato Grosso. Durante o percurso, os Ikpeng entravam em conflitos com os outros povos e raptavam as crianças da sua oposição. Ainda na história da origem do povo Ikpeng, esses desapareceram da Terra, restando apenas dois irmãos, chamados Kurekó. Esses irmãos fizeram ressurgir o povo Ikpeng usando os troncos das árvores. Na década 70, o povo Ikpeng foi transferido pelos irmãos Villas Boas da sua terra tradicional Jatobá para o Parque Indígena do Xingu, no Posto Indígena Leonardo Villas Boas/Alto Xingu-Mato Grosso. No final de década de 79, os Ikpeng se mudaram para o Médio Xingu. Alguns anos depois eles montaram o Posto Indígena Pavuru, como referência da FUNAI⁵. Atualmente, a população do povo Ikpeng tem sido aumentada, aproximadamente 640 indivíduos, seis aldeias, além do Pavuru, sendo a aldeia maior e mais populosa a Moygu.

⁴ Pulé significa rio Amazona em língua Ikpeng. A palavra pulé também significa onda da água.

⁵ FUNAI - Fundação Nacional do Índio, órgão federal que cuida demarcação das Terras indígenas e do desenvolvimento dos povos indígenas.

1.1 INTRODUÇÃO DO TRABALHO

Com o intuito de tratar da educação de casa e do processo próprio de ensino na Escola Estadual Indígena Central Ikpeng, esta investigação, de abordagem qualitativa, foi realizada com as comunidades das aldeias Arayó e Moygu, na Terra Indígena Xingu, no município de Feliz Natal, no estado de Mato Grosso, Brasil.

Essa escola indígena é resultado de intensas reivindicações do povo Ikpeng, pelo reconhecimento, legitimação e credenciamento pelo estado.

Como objetivo geral, pretendeu-se caracterizar a educação Ikpeng. Em relação a educação escolar, se compreende como unidade de escolarização de um indivíduo entre quatro paredes. A questão de alfabetização em língua materna tem sido um objeto de estudo para aprimorar alfabetização a partir da elaboração de material didático de alfabetização específico do povo. E como específicos: apresentar o povo Ikpeng em relação aos aspectos sociais e culturais; mostrar a preservação de traços da língua falada pelos mais antigos do povo que vêm sendo abolidos pelos mais jovens; elaborar um material didático para alfabetização de crianças na língua materna Ikpeng.

Para a construção desse material educacional, foi preciso primeiro a elaboração de plano de execução de atividades, e no segundo momento foi feita a oficina de elaboração de desenhos, que foi também necessário a ajuda dos professores, do diretor e dos alunos (para ilustrar e/ou fazer figuras para colocar nas atividades), o qual deverá ser utilizado nas escolas Ikpeng, com o intuito de fortalecer a identidade e a cultura desse povo.

A justificativa para a elaboração desse material, consiste no fato de que, na atualidade, as crianças Ikpeng, desde pequenas, falam português e manuseiam o celular frequentemente, e a escola Ikpeng carece de material didático específico em língua materna. Isso dificulta o professor alfabetizador na alfabetização das crianças na língua materna. Por esse motivo, nesta investigação, organizou-se esse material pedagógico de alfabetização na língua Ikpeng.

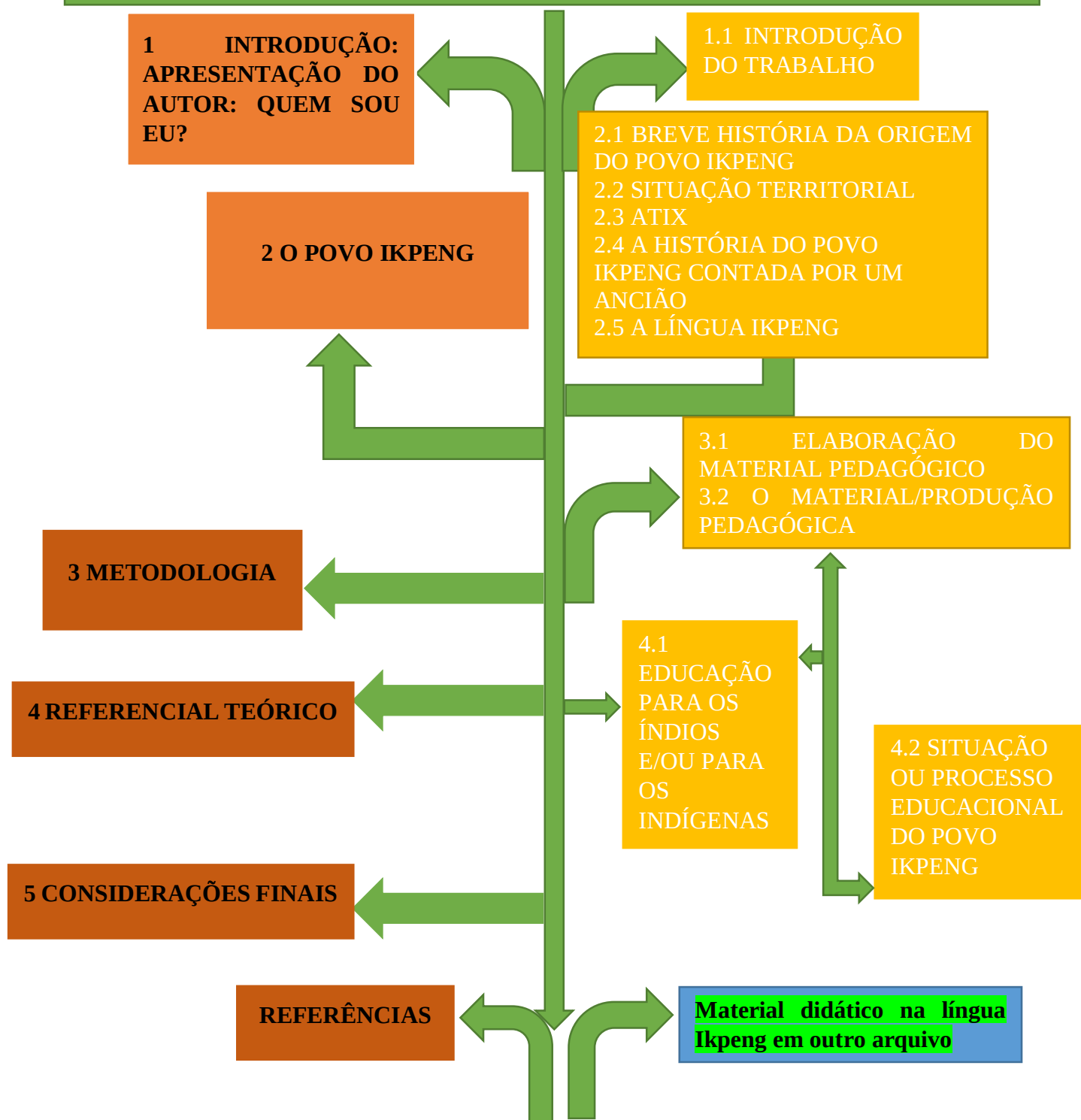
Importante ressaltar que este trabalho foi elaborado com o embasamento teórico apresentado nas disciplinas cursadas no PPGE/CII, com autores indígenas e não-indígenas, que colaboraram na construção deste, a exemplo de Chiquinha que aborda O Processo de Inclusão das Escolas Indígenas no Sistema Oficial de Ensino de Mato Grosso: Protagonismo Indígena; Korotowi Taffarel menciona no seu trabalho sobre Educação

para Pomeri; Bartolomeu Meliá, que menciona a Educação Indígena na Escola, no seu trabalho ele abrange vários aspectos metodológicos e pedagógicos, como ação pedagógica cultural sobretudo, menciona três pilares, língua, economia e parentesco, e também como repassar os conhecimentos aos membro, especialmente para os juventudes. Todos que são feitas de uma maneira respeitosa é uma ação pedagógica; um diálogo com Paulo Freire sobre Educação Indígena, “Pedagogia da Autonomia” Saberes Necessários à Prática Educativa, uma das teorias do Paulo Freire que deu atenção quando se refere respeito da memória e oralidade, inclusive a introdução da escrita no meio da cultura que poder ser bem pensada ou bem-feita. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, e outros.

Esta dissertação está dividida em cinco partes, e para uma boa visualização, foi feito um organograma, na figura a seguir.

Figura 1 – Partes da dissertação

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E ALFABETIZAÇÃO DO POVO IKPENG: SABERES E PRÁTICAS



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

2 O POVO IKPENG

Ikpeng é a autodeterminação do grupo étnico conhecido na literatura linguística e antropológica como “Txicão”. A língua Ikpeng pertence à família Karib, juntamente à família Arara, do estado do Pará. O povo surgiu há milhões anos atrás, proveniente da origem árvores, nome Ikpeng vem de denominação de uma espécie de vespa (Turung) uma vespa brava, por isso, no tempo dos nossos antepassados, eles eram muito bravos e temidos.

O primeiro contato pacífico com nossos pais e avôs ocorreu em 1964, quando habitavam as margens do rio Jatobá. Em 1967, foram transferidos para uma região próxima ao Posto Indígena Leonardo Villas Boas, dentro dos limites do Parque Indígena do Xingu (PIX). Por não se adaptarem a essa região, no início da década de 1980, foram levados para a região do Médio Xingu, onde fundaram a aldeia Moygu. Em 1985, a administração do PIX criou, nas cercanias desta aldeia, o Posto Indígena Pavuru (Coordenação Técnica Local em Feliz Natal-MT- Pavuru) que, apesar de atender a todas as vizinhanças, é administrado pelo povo Ikpeng.

Há poucos anos, algumas famílias Ikpeng migraram para as margens do rio Ronuro e lá se estabeleceram, fundando uma nova aldeia, a Tupara, atual nome Pĩrino. Atualmente, os Ikpeng fundaram mais quatro aldeias, Rawo, Arayo, Paranoá e Kururé, próximas à Coordenação Técnica Local Pavuru, município de Feliz Natal-MT. A população consiste em aproximadamente 650 indivíduos, conforme Senso populacional do povo Ikpeng, Unidade Básica de Saúde do Polo Pavuru (2022).

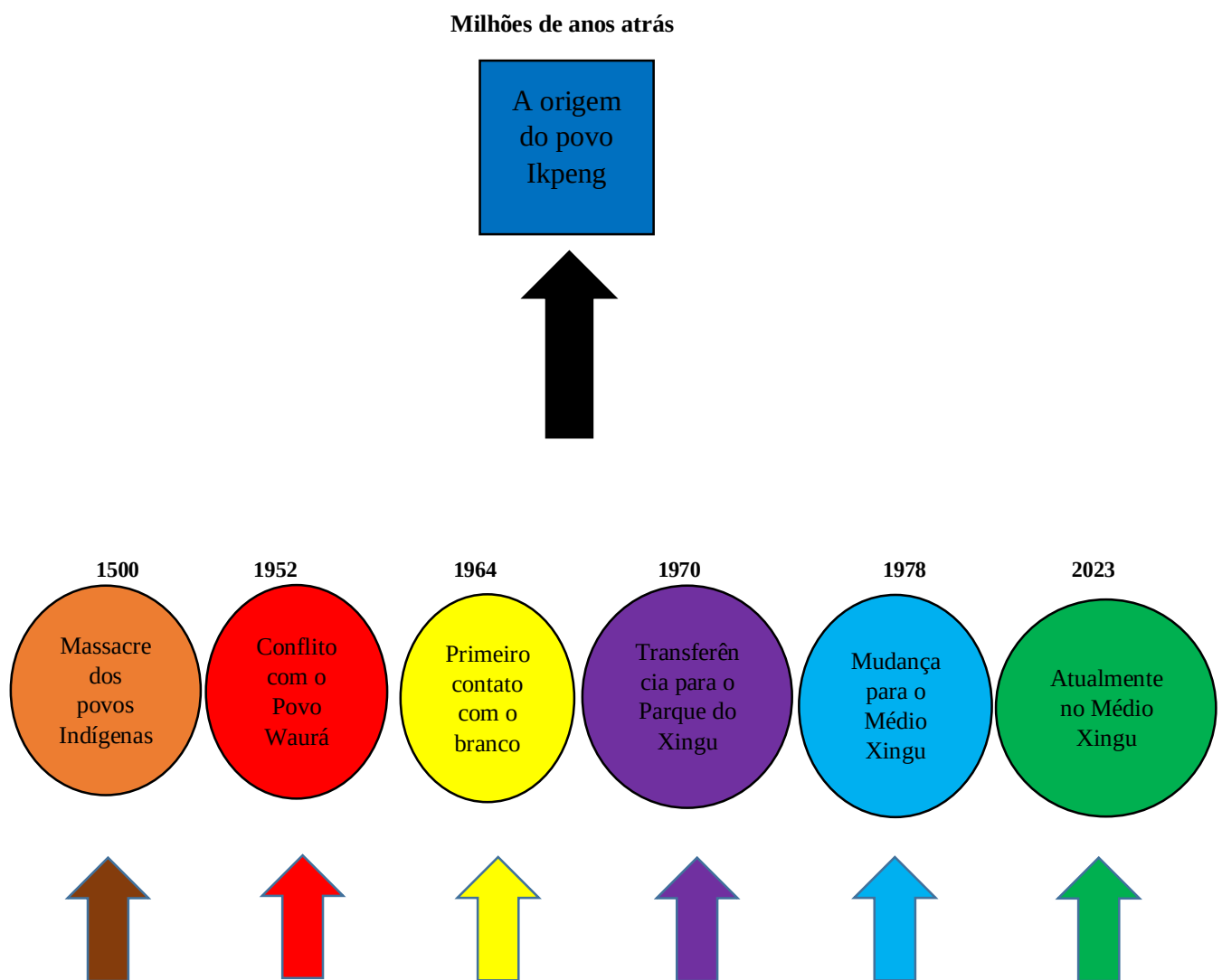
O povo também fundou associações, tais como: Associação Indígena Moygu Comunidade Ikpeng (AIMCI), Escola Estadual Indígena Central Ikpeng/Amure (EEICI) que não é uma associação, mas sim é uma instituição escolar. Regional ATIX, Associação Terra Indígena Xingu e organização das mulheres Yarang⁶.

A evolução tecnológica, é constante no mundo, tal como ocorre nas comunidades Ikpeng, e isso faz com que os jovens fiquem mais tempo, navegando ou manuseando aparelhos tecnológicos. Mesmo assim, os jovens e as crianças não deixam de praticar e ajudar seus pais nas atividades comunitárias e da família. As principais estratégias de

⁶ Yarang na língua Ikpeng é a formiga cortadeira ou cabeça de vidro, as mulheres Ikpeng denominaram no nome do movimento com este nome porque elas catam as sementes para campanha de reflorestamento. E assim como a formiga também junta semente.

comunicações tecnológicas e dão pelo uso do rádio amador e pela internet, destacando-se o uso do aparelho celular com a internet.

Figura 2 - Esquema de linha do tempo do povo Ikpeng



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Os Ikpeng, assim como todos os povos originários, eram nômades. De acordo com relatório do sábio Oporike Ikpeng, os Ikpeng vieram transitando desde a Amazônia a terra

originária do tempo dos ancestrais até chegarem à região do rio Jatobá que se localiza no Sul do oeste do Mato Grosso, não se sabe direito, mas foi mais de mil anos atrás. Durante sua trajetória, o povo Ikpeng brigava com outros povos desconhecidos, raptavam crianças e matavam seus oponentes.

Nos dois penúltimos conflitos, raptaram uma criança Matipu e duas crianças Waurá. Alguns anos depois, em meados dos anos 60, século XX, o povo Ikpeng sofreu uma derrota, pois seus inimigos como Waura combateram com arma de fogo e os olhos claros e a pele branca também ajudaram a combater o povo, na tentativa de resgatar as crianças raptadas. Em resposta a esse conflito, o povo Ikpeng quase foi dizimado com arma de fogo e doenças levadas pelo homem branco, restando aproximadamente 50 indivíduos entre homens, mulheres e crianças.

Na década de 60, os Irmãos Villas Boas fizeram contato com povo Ikpeng. O contato pacífico convenceu o povo, quando os indivíduos se entregaram e foram levados no meio dos seus piores inimigos no Parque Indígena do Xingu. Ali viveram por dez anos, seus inimigos os pressionavam, foi então que decidiram sair daquela região e habitar o Médio Xingu. Denominaram o seu lugar como Pavuru e fundaram o Posto Indígena Pavuru. Ali a FUNAI contratou funcionários indígenas para trabalhar em serviços gerais, como condutor de barco, radialista e limpeza.

Atualmente a sua população aumentou significativamente, cerca de 650 pessoas. Recentemente foram abertas seis aldeias, sendo as mais populosas Moygu e Arayó, que se localizam à margem esquerda do Rio Xingu, pertencente ao município de Feliz Natal; Paranua e Kururé se localizam à margem esquerda do rio Ronuro, pertencente ao município de Feliz Natal; Tupará/Pirino está à margem do rio Romuro, entre o rio Steinen, pertencente ao município de Nova Ubitatã; Rawó, que se localiza à margem direita do rio Jatobá, que pertence ao município de Paranatinga.

2.1 BREVE HISTÓRIA DA ORIGEM DO POVO IKPENG

Dizem os anciões que o indivíduo Ikpeng saiu da água (pule); pule é o mar, na Amazônia. Então saíram dessas águas um homem chamado Amuré e uma mulher Rĩngkawo, em uma época em que havia a imensidão de água escura. Não havia Sol, Lua, tampouco estrelas; o céu era muito baixo. O homem tinha nariz igual ao do tucano, mas era pequeno, e o da mulher era maior.

Com o passar do tempo, depois de muitos e muitos anos, o homem foi descobrindo um meio de sobreviver e a fisionomia humana foi se modificando. Com o nascimento de dois irmãos gêmeos, chamados Pomtanom, quando cresceram, fizeram surgir o dia, e com as penas do urubu Rei, fizeram surgir o Sol e a Lua; com a penugem, fizeram surgir as estrelas, dando nomes para cada constelação. As aves e os pássaros levantaram o céu bem distante da Terra. Ao final, os Pomtanom se transformaram nas Três Marias.

Com o passar do tempo, nossos ancestrais transitavam pela mata, acampando, caçando. Durante a trajetória, as crianças brincavam de assobio de macaco, e as pessoas da aldeia, ao cantarem o canto sagrado, desapareceram da Terra, restando apenas dois irmãos, chamados Kurekó.

Dizem os anciões, que as crianças, ao imitarem o assovio do macaco, invocaram um ser espiritual maligno. Esse espírito mal do macaco era grande, preto e tinha cara vermelha. Ele respondeu ao assovio das crianças, pulou em galhos das árvores, aproximou-se das pessoas e urinou nelas, transformando-as em macacos.

Para o meu povo, existem macacos bons que fazem parte do alimento e outros que são malignos. No entanto, todos os macacos têm seu espírito mal, por isso, ao caçar macacos, temos respeito e cuidado para o espírito dele não fazer mal para nós. Acreditamos em nossa crença, por isso não deixamos as crianças imitarem o assovio do macaco, e nem de brincadeira imitamos, mas, sim, imitamos na caçada para chamar atenção e atrair macacos.

Os irmãos Kurekós fizeram ressurgir seu povo usando os troncos de diferentes espécies de árvores. Assim deu origem ao povo Ikpeng, que vive até hoje cultivando a terra, retirando os recursos naturais de uma forma de manejo sustentável, praticando sua cultura, falando sua língua materna, respeitando suas regras espirituais, biológicas, ensinado por seus Deuses. No entanto, as práticas culturais e educativas correm o risco de serem extintas por não serem valorizadas.

2.2 SITUAÇÃO TERRITORIAL

O Parque Indígena do Xingu, atual denominação Terra indígena do Xingu (TIX), se localiza geograficamente no centro oeste do Brasil, no estado de Mato Grosso. A terra foi demarcada e homologada no final de 1978, século XX, e possui 2,8 milhões de hectares para usufruto exclusivo do povo. O território abrange 16 povos indígenas de

diferentes culturas, línguas e modo de ser e de viver, sendo eles: Kalapalo, Naruwutu, Matipu, Nafukuá, Kuikuro, Aweti, Yawalapiti, Kamaiurá, Waurá, Kustenaw, Trumai, Ikpeng, Kaiabi, Kisêdjê, Tapayuna e Yudja.

Atualmente o território sofre invasão de madeireiros, pescadores, grileiros e demais invasores. No seu entorno, há 32 municípios e muitas lavouras, por isso não se sabe se o rio Xingu está poluído pelos venenos jogados nas lavouras, mercúrio ou pelos lixos jogados nas cabeceiras do rio, pois as nascentes dos rios ficam fora do território, mas dentro dos municípios.

Particularmente, a maior preocupação é em relação às aberturas das estradas no interior do território do Xingu, que liga as estradas das lavouras até às cidades. No entanto, prevalece a decisão da maioria, por isso muitas estradas no interior do Xingu estão sendo abertas para facilitar o trânsito. Porém, já se percebem mudanças drásticas. Esse comportamento é extremamente preocupante, pois futuramente a terra poderá acabar e haverá muitas consequências, em virtude de saída e entrada constante de pessoas para a cidade.

O desmatamento é constante no entorno da TIX, além das construções das Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) nas cabeceiras dos rios, que também é preocupante, pois essas cortam o fluxo das águas que abastecem o rio Xingu. Por isso, na atualidade, o rio Xingu sofre mudança. O nível da água é muito baixo e também surgem muitos bancos de areia, e esses aspectos prejudicam a locomoção de barcos visitantes e trabalhos das equipes de profissionais de saúde e outros. Isso também retarda a reprodução dos peixes no tempo certo, porque a água não sobe para os peixes se reproduzirem nas lagoas.

2.3 ATIX

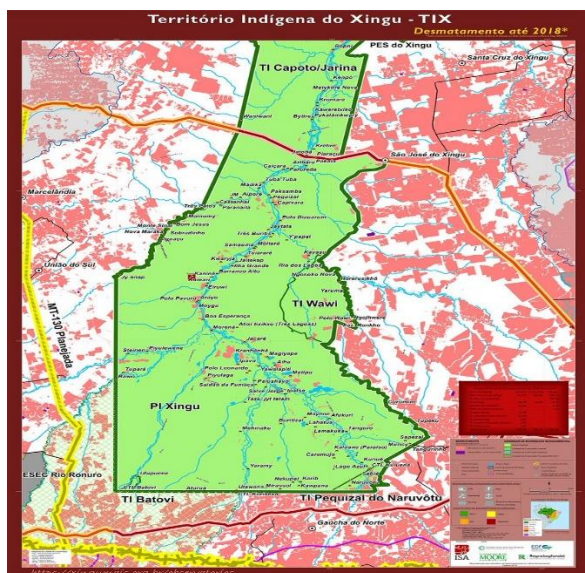
Em 1994 foi pensada a criação da Associação Terra Indígena Xingu, a ATIX, e em 1995, foi criada, em uma reunião, com a população de 16 etnias do Xingu. A ATIX tem sede no Município de Canarana e também uma sub-sede em quatro regiões, a saber: Coordenação Técnica Local Leonardo Villas Boas, no Alto Xingu; Coordenação Técnica Local Pavuru, no Médio Xingu; Coordenação Técnica Local Wawi, no Leste Xingu; Coordenação Técnica Local Diauarum, no Baixo Xingu.

A TIX é uma Organização Não Governamental (ONG) que foi criada com o intuito de fiscalizar o território do Xingu, e também para representar populações

xinguanas nas três esferas: Federal, Estadual e Municipal; também representa internacionalmente.

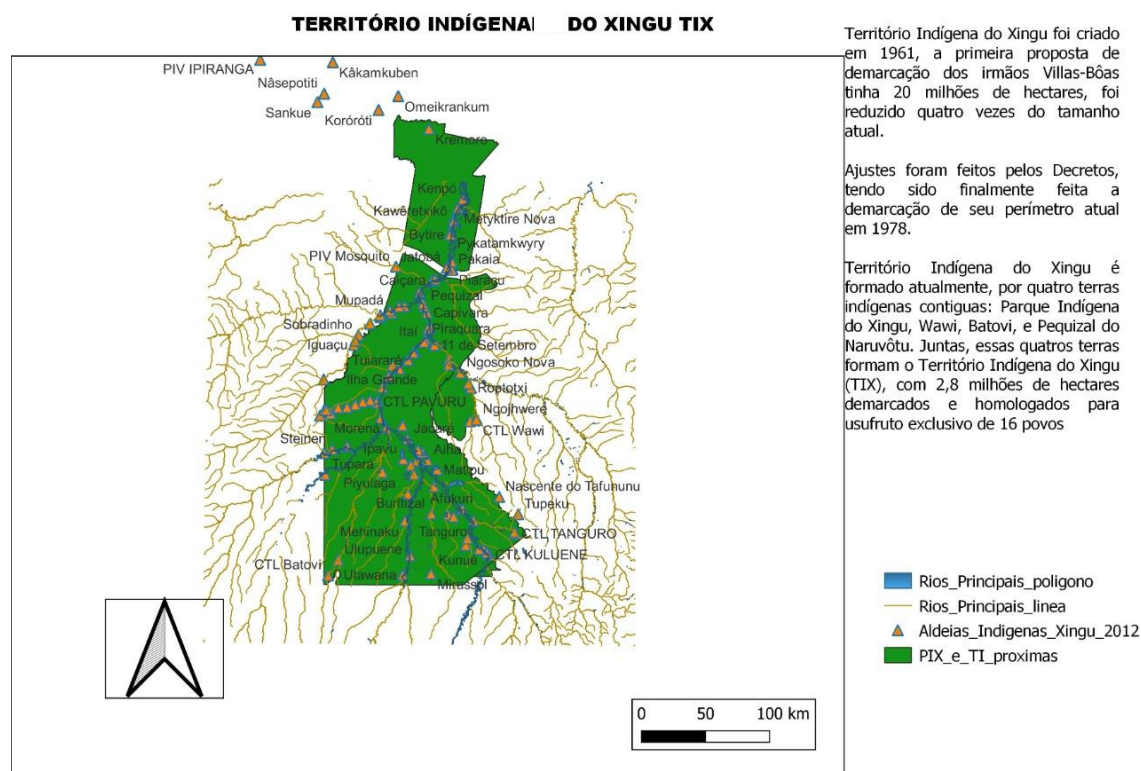
As figuras 3 e 4 apresentam a TIX.

Figura 3 - Mapa da Terra Indígena do Xingu



Fonte: ISA (2018).

Figura 4 – Território Indígena do Xingu



Fonte: ISA (2018).

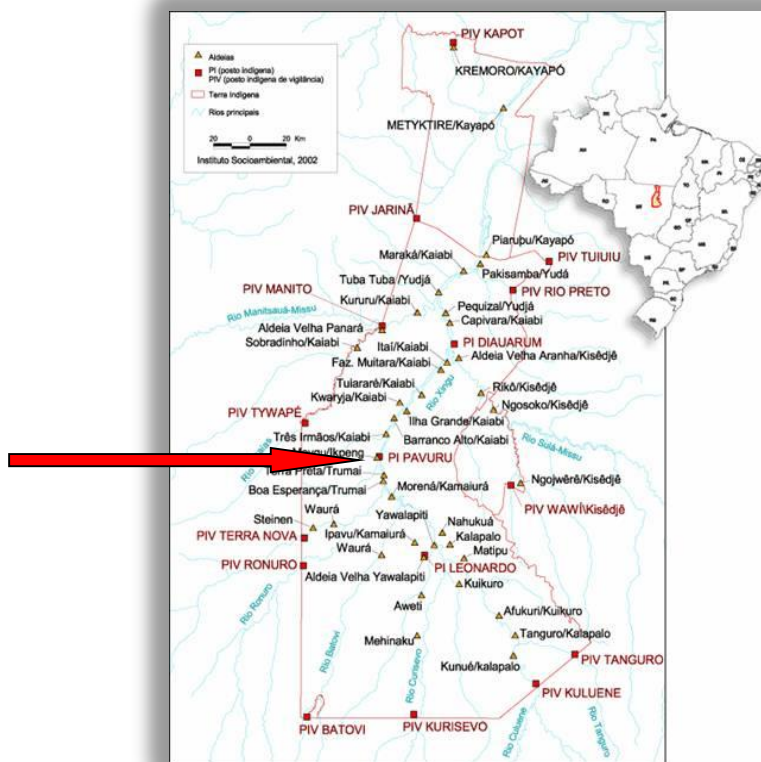
2.4 HISTÓRIA DA ORIGEM DO POVO IKPENG CONTADA POR UM ANCIÃO

Diz Tomé Ikpeng, pajé historiador, antes de surgir o povo Ikpeng havia somente escuridão, o céu era muito baixo, não havia ninguém no mundo. Em plena escuridão surgiu da água um homem, Amuré, e uma mulher Rîngkawo, e três plantas raegî, onongyewî e magra. Desses indivíduos surgiram mais pessoas, as mulheres eram narigudas igual a um tucano e o nariz dos homens eram menores. Com o passar do tempo, a fisionomia humana foi mudando. Ao passar do tempo surgiram dois gêmeos chamados Pomtanom. Esses, quando cresceram, fizeram surgir o sol, a lua, e as estrelas. O céu ainda era muito baixo, o sol esquentava muito, mesmo quando o sol foi trocado pela lua a temperatura do calor era intensa. Então os pássaros pongo wotxi (passarinho preto) Wakala (jaburu) wilo (gavião) decidiram levar o céu para bem distante da Terra, além de todos os pássaros que voavam bem alto. A distância do Sol da Terra tinha temperatura em equilíbrio. E assim termina o clímax da história da origem do povo Ikpeng.

Atualmente, o povo Ikpeng se localiza no estado de Mato Grosso, a maioria das aldeias pertence ao município de Feliz Natal; uma aldeia pertence à Nova Ubiratan e a outra pertence à Paranatinga. Todas as aldeias Ikpeng são estabelecidas no Parque Indígena do Xingu, ou melhor, na Terra Indígena do Xingu (TIX). Com o aumento da sua população, os Ikpeng reivindicam a demarcação da sua terra tradicional Jatobá (Roro Walu), de onde foram transferidos. Supostamente a sua terra tradicional está tomada pelos fazendeiros. Um estudo antropológico já foi feito e todos os processos de retomada estão na Funai, no entanto, estão parados por questão judicial.

Como relatado, a história do povo Ikpeng é muito triste, pois antes do contato com os Irmãos Villas Boas, na década de 60, o povo Ikpeng sofreu ataque dos seus inimigos na tentativa de resgatar as crianças que foram raptadas pelos Ikpeng. Hoje em dia os Ikpeng não brigam mais entre os povos do Xingu, vivem em harmonia e laço de amizade, somando a força com outros povos para brigar pelo seu território e direitos conquistados. Eles também são autônomos, não dependem dos outros povos para viver e se organizar. Falam sua língua, cultivam a terra e praticam sua tradição. Na figura seguinte, o mapa de localização das aldeias Ikpeng.

Figura 5 – Mapa de localização das aldeias Ikpeng



Fonte: Retirado do PPP da Escola Estadual Ikpeng (2010)

A educação do Ikpeng é uma educação de ato de educar, instruir no sentido mais amplo, costumes e valores da comunidade, que são transferidos de geração em geração por meio da oralidade. No entanto, a educação do povo Ikpeng tem sofrido algumas mudanças em virtude da modernidade, assim como a língua também sofre mudança. Tendo em vista que a cultura não é estática, mas dinâmica, por isso a maneira de educar sofreu mudanças. No decorrer deste trabalho veremos a maneira de educar e o processo próprio de ensinar desse povo.

Inicialmente a escola para o povo Ikpeng foi implantada pela Funai, e era o próprio servidor da Funai quem alfabetizava as crianças. As pessoas alfabetizadas viravam monitor ou o multiplicador, que continuavam alfabetizando as pessoas, mas também havia professoras não indígenas contratadas pela FUNAI, que não ficavam por muito tempo e acabavam indo embora. Depois de longos anos, com a reivindicação das lideranças e caciques, a escola passou a ser municipal.

Atualmente a escola pertence à rede estadual, legitimada e credenciada para emitir certificado de ensino fundamental e ensino médio. Todos os professores têm graduação, alguns com nível de mestrado e outros graduandos. Além de conquistar a escola específica e diferenciada, a escola ainda é para indígenas, pois a escola Ikpeng segue o sistema único de ensino. Portanto, a escola específica e diferenciada do povo Ikpeng se torna refém do sistema único de ensino, porque segue calendário do sistema imposto pelo estado e do município. Esse sistema oprime a educação diferenciada do povo Ikpeng.

2.5 A LÍNGUA IKPENG

A língua Ikpeng é do tronco linguístico Karib junto com Arara do Pará, porém a gramática da língua ainda está em processo de construção. Portanto, a língua Ikpeng está em constante mudança. Geralmente existem variações linguísticas regionais e dialetais, e na língua Ikpeng isso não é diferente, pois existem variações por faixa etária, entre crianças, jovens, adultos e anciões. Dizem os mais velhos que quando um indivíduo chega à maturidade, ele não deve falar as palavras informais, mas falar palavras formais.

Linguisticamente, o Ikpeng possui a língua igual ao do Arara, atualmente a juventude Ikpeng não valoriza o tap [r], geralmente os jovens substituem (R) e adicionam (W), ou excluem de vez o R, como veremos no quadro alguns aspectos da língua Ikpeng, extraído por inteiro do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), de minha autoria, defendido no ano de 2016, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT),

Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI), em Barra do Bugres-MT. MATE, (P.7.8.2016)

Quadro1: Descrição das palavras usadas para chamar os pais e avós

<i>Fala das pessoas experientes</i>	<i>Fala das pessoas mais jovens</i>	<i>Língua portuguesa</i>
<i>ĩ-roye</i> <i>PRON.POSS-mãe</i>	<i>-‘g’+oye</i> <i>PRON.POSS-mãe</i>	<i>Minha mãe</i>
<i>ĩ-roymĩ</i> <i>PRON.POSS-pai</i>	<i>-‘g’+oymĩ</i> <i>PRON.POSS-pai</i>	<i>Meu pai</i>
<i>ĩ-ramru</i> <i>PRON.POSS-avô</i>	<i>-‘g’+amu</i> <i>PRON.POSS-avô</i>	<i>Meu avô</i>

Fonte: Brazilian Journal of Development (2021).

Quadro 2: Descrição das palavras usadas para falar eu, você e meu amigo

<i>Uro</i> <i>1ps</i>	<i>U’w’o</i> <i>1ps</i>	<i>Eu</i>
<i>Omro</i> <i>2ps</i>	<i>Om-o</i> <i>2ps</i>	<i>Você</i>
<i>Ĩ-wari</i> <i>PRON.POSS-amigo</i>	<i>Ĩ-wa-i</i> <i>PRON.POSS-amigo</i>	<i>Meu amigo</i>

Fonte: Brazilian Journal of Development (2021).

Por exemplo, os jovens falam goye, já os mais experientes falam ĩroye, em português, minha mãe. Sobre a fala dos jovens, as pessoas mais velhas falam que a maneira que falam está errada, porque os jovens não colocam prefixo /ĩ/ e alteram /R/ para colocar /G/, para formar a palavra goye. A mesma situação acontece com a palavra uro e omro. O /R/ é alterado por /W/, e forma a palavra uwo, o /R/ some de vez e forma a palavra omo.

A seguir, apresentamos dados de fala espontânea coletados a partir de observação na aldeia Arayo, no ano de 2015.

Forma antiga:

Morengke ari?

Mo- rengke ari

2PS acordar-INT irmão ‘Irmão você acordou?’ (Ou bom dia.)

Korengkelĩ ari.

Ko- rengkelĩ ari

1PS acordar-V -Eu acordei irmão.

Forma atual:

Moengke ãi?

Mo- engke ãi

2PS acordar-V.INT

Koengkelĩ ãi.

Ko- engkelĩ ãi

1PS acordar-V

Lembramos, ainda, que o pronome omro significa ‘você’. Na oração acima, o pronome omro está oculto quando se fala morengke. O prefixo mo- altera omro. A mesma coisa acontece com korengkelĩ. Pronome (**uro**= eu) é ocultado pelo prefixo ‘**ko**’.

Forma antiga:

İwgrĩ anepko?

İ- wgrĩ anepko

Pron.poss mingau trazer-V.IMP (Traz meu mingau)

Forma atual:

İgwĩ anepko.

İ- gwĩ anepko.

PRON.POSS. mingau trazer-V.IMP

Versão em português:

‘Traz meu mingau’.

Forma antiga:

-Motximtagrike

Mo- tximtagrike

2ps comer-V.INT

Forma atual:

-Motximtagike

Mo- tximtagike

2ps comer-V.INT

Versão em português:

‘Você já comeu?’

Certo seria:

Você comeu?’

Abaixo, outras situações linguísticas observadas no campo do diálogo, em conversas espontâneas que foram observadas, no dia 15/02/2015, na aldeia Moygu, Médio Xingu, durante a assembleia da Escola Estadual Indígena Central Ikpeng. Os dados de fala foram coletados entre os jovens e os anciões dessa aldeia.

Quadro3: Dados de fala entre os jovens e os anciões.

<i>Fala das pessoas experientes</i>	<i>Fala das pessoas mais jovens</i>	<i>Língua portuguesa</i>
<i>Ma kur-enengne</i> 3PPL vamos analisar- V	<i>Ma kwe-enengne</i> 3PPL vamos analisar- V	<i>Nós vamos analisar.</i>
<i>kurawĩ</i> ADV.NG mexer-V	<i>K’w’awĩ</i> ADV.NG mexer-V	<i>Não mexe</i>
<i>Txitkan man eromĩ</i> ADV de MD. PREP. For- V	<i>Txitkan man e-omĩ</i> ADV de MD. PREP. For- V	<i>Foi devagarinho</i>
<i>Arawĩt</i> Começar- V	<i>a-awĩt</i> Começar- V	<i>Começar ou iniciar</i>
<i>Akerek ilon</i>	<i>Ake-ek ilon</i>	<i>Assim também</i>

CONJ. ADT.	CONJ. ADT.	
<i>Marangmotxingmo</i> SUBST- PL	<i>Ma-angmotxingmo</i> SUBST- PL	<i>Criançada/meninos</i>
<i>Kur-empan</i> 3PPL ensinar-V	<i>K'w'empan</i> 3PPL ensinar-V	<i>Nós ensinamos</i>
<i>Pirĩngop-nole</i> ORAÇÃO PREP.	<i>Pi-ĩngopnole</i> ORAÇÃO PREP.	<i>Antes disso</i>
<i>kur-erutket</i> 3PPL oferecer/dividir-V	<i>K'w'erutket ou k'w'e-utket</i> 3PPL oferecer/dividir-V	<i>Nós Oferecermos/ dividirmos</i>
<i>Wi-mtagri</i> PRON.POSS alimento/comida	<i>Wimtag-i</i> PRON.POSS alimento/comida	<i>Nosso alimento/comida</i>
<i>Oremapan-getkenag</i> Aprender- G	<i>O-empangetkenag</i> Aprender- G	<i>Aprendendo/estudando</i>
<i>Epyareli</i> acabar-V	<i>Epya-eli</i> acabar-V	<i>Acabou</i>
<i>Mi-ranang-mo</i> 2pl escutar/ouvir- V. INT, SUF.	<i>M'y'-anang-mo</i> 2pl escutar/ouvir- V.INT, SUF.	<i>Vocês escutaram/ouviram</i>
<i>Wi-ranang-mo</i> 2PPL ouvir-V.INT	<i>Wi-anang-mo</i> 2PPL ouvir-V.INT	<i>vocês estão-me ouvindo</i>
<i>Mu-rang-mo</i> filho-SB	<i>Mu-ang-mo</i> filho-SB	<i>Filhos</i>
<i>Patkurampe</i>	<i>Patk'w'ampe</i>	<i>Que não falta</i>
<i>Ti-mrongmo ilon otxiran- getkerit</i> 2PPL que vão decidir- v.	<i>Ti-mongmo ilon otxi- angetkerit</i> 2PPL que vão decidir- v	<i>Eles que vão decidir</i>
<i>Itoworo</i>	<i>Itowo-o</i>	<i>Está certo/ certo</i>
<i>Orengke-t</i> vai acordar-V.PREF.	<i>O-engke-t</i> vai acordar-V.PREF.	<i>Vai acordar/acordar</i>
<i>Eronang-mo-man orempan</i> 2PPL estudar-v	<i>Eronang-mo-man o-empan</i> 2PPL estudar-v	<i>Eles vão estudar</i>
<i>Teru-tkeli</i> Oferecer-V	<i>Te'w'-tkeli</i> Oferecer-V	<i>Ofereceu</i>
<i>Kur-empang-etkeriwa</i> 1PPL ensinar-V	<i>K'w'empang-etkeriwa</i> 1PPL ensinar-V	<i>Nós não ensinamos</i>

<i>Ero-li</i> <i>for-V</i>	<i>E-oli</i> <i>for-V</i>	<i>Foi embora</i>
<i>Igarakyum</i> <i>piau-SB</i>	<i>Iga-akyum</i> <i>piau-SB</i>	<i>Piau (peixe)</i>

Fonte: Brazilian Journal of Development (2015).

Também foram detectadas, na oralidade, as mudanças fonéticas que seguem: queda da consoante /**R**/ e adição do /**W**/ na mesma posição deixada por /**R**/.

Vejamos um exemplo: os dados do quadro 1 representam as palavras faladas entre as pessoas mais experientes. Eles apresentam em sua pronúncia o tepe /**R**/, em todo momento do discurso. No quadro 2, a maioria das palavras perde o /**R**/ entre a fala dos jovens, em alguns elementos cai o **R** e adiciona **W** no mesmo lugar.

Vejamos algumas palavras que sofreram essas mudanças:

<i>Kur-empan</i>	<i>kw-empan</i>	
<i>1PPL ensinar-V</i>	<i>1PPL ensinar-V</i>	
<i>Pat-kurampe</i>	<i>patkwampe</i>	
<i>PREF. Faltar-V</i>	<i>PREF. Faltar-V</i>	
<i>Terutke-li</i>	<i>tewtke-li</i>	
<i>dar-V.SF.</i>	<i>dar-V.SF.</i>	
 <i>Kur-empang-etkeriwa</i>	 <i>kw-empang-etkeriwa</i>	
<i>1PPL ensinar-V.SF.</i>	<i>1PPL ensinar-V. SF.</i>	
 <i>Kur-erutke-wa</i>	 <i>kw-erutke-wa</i>	 <i>kw-e-utke-wa</i>
<i>1PPL dar-V.SF.</i>	<i>1PPL dar-V.SF.</i>	<i>1PPL dar-V.SF.</i>

Na sequência, veremos no quadro uma parte mais interessante do inventário segmental extraído do trabalho de Pacheco (2001)

2.6 INVENTÁRIO SEGMENTAL

Seguimentos vocálicos são aqueles que podem ocupar o núcleo da sílaba. A língua conta com o seguinte inventário vocálico (cf. Emmerich, 1994):

(1) Segmentos vocálicos

	Náo-Posteriores	Posteriores	
		Não-arredondados	Arredondados
Altas	i	i	u
Não-Altas	e	a	o

Segmento inventário é uma descrição de fonema/vocálico de uma língua.

Alguns exemplos com vogais:

- (2)
- | | |
|-------------|---------------|
| a. /kurita/ | ‘curica’ |
| b. /rere/ | ‘morecego’ |
| c. /irip/ | ‘quente’ |
| d. /anat/ | ‘minlho’ |
| e. /inot/ | ‘pequi’ |
| f. /urot/ | ‘índio bravo’ |
| g. /owro/ | ‘casa’ |
| h. /roro/ | ‘papagaio’ |

As vogais /e/ e /o/ se realizam mais abertas em contextos orais e mais fechadas em contextos nasais; as vogais nasais recebem a nasalidade de uma consoante nasal em coda⁷. Quando a consoante nasal ocorre em ataque, o segmento vocálico não se toma nasal:

- (3)
- i. Contextos onde /e/ e /o/ se realizam como [ɛ] e o [ɔ]:
- | | | |
|------------|------------|---------|
| a. aramere | [arame're] | 'mosca' |
| b. inot | [i'nɔt] | 'pequi' |
- ii. Contextos onde /e/ e /o/ se realizam como [e] e [õ]:
- | | | |
|---------|---------|----------|
| b. amen | [a'men] | 'terra' |
| d. onon | [o'nõn] | 'urucum' |

⁷ Coda é a consoante que termina, o ataque é a consoante que inicia uma sílaba.

Quando os segmentos /i/ e /u/ seguem ou precedem uma vogal que ocupa o núcleo silábico, realizam-se como [i] e [u], respectivamente, sendo interpretados foneticamente como glides⁸ derivados:

- (4)
- | | | |
|------------|-----------|----------------|
| a. /yai/ | [‘jai] | 'árvore' |
| b. /pou/ | [‘pou] | 'porco' |
| c. /uot/ | [‘uot] | 'peixe' |
| d. ltuyail | [tu ‘jai] | 'rato' |
| e. /muot/ | [mʊot] | 'você o matou' |

Fonte: Pacheco (2001)

3 METODOLOGIA

Para realizar este trabalho, foram utilizados: a observação participante, entrevistas, e também foi feito um levantamento bibliográfico, inicialmente. Meliá (1979) contribuiu para que abordássemos a história da Educação Escolar para os indígenas. Depois a entrada a campo. No dia 16/03/2023, à tarde passei visitando as casas na aldeia Arayo e Pavuru, no dia seguinte, eu fui na aldeia Moygu. Nessas visitas fui observando o comportamento, o modo de viver, de ser, de aprender e de ensinar em Ikpeng. No segundo momento, dia 20/03/2024 foram feitas as entrevistas, e nessa ocasião não foram utilizados gravação e nem anotação, pois os anciões entrevistados não queriam ser gravados e nem que tirássemos fotos, por questão de cultura e da vontade própria do mesmo. Numa entrevista, o senhor sábio Yakawi Ikpeng de 79 anos informou que, educar e ensinar a criança depende do conhecimento da família. O Projeto Político Pedagógico (PPP) foi também consultado, um material que contribuiu muito para esta investigação, pois nele há falas dos anciões sobre a educação e o processo próprio de ensino.

A entrevista foi realizada em três aldeias: Arayo, com o ancião Wawana Ikpeng e na aldeia Moygu, com o ancião Kampot. Também foi feita no Pavuru, com o ancião Yakawi Ikpeng e com o diretor da escola Ikpeng, o senhor Pomerquenpo Txicão, que contribuiu na informação para esquematizar o trabalho. É 2 pessoas adultas experientes também foram observadas e entrevistadas.

⁸ Glides é uma unidade fonética, com característica idêntica a uma vogal.

Figura 6 - Aldeia Arayó



Fonte: Kamatxi Ikpeng (2023)

Figura 7 - Coordenação Técnica Local Pavuru-MT



Fonte: Kamatxi Ikpeng (2023)

Figura 8 - Aldeia Moygu



Fonte: Kamatxi Ikpeng (2022)

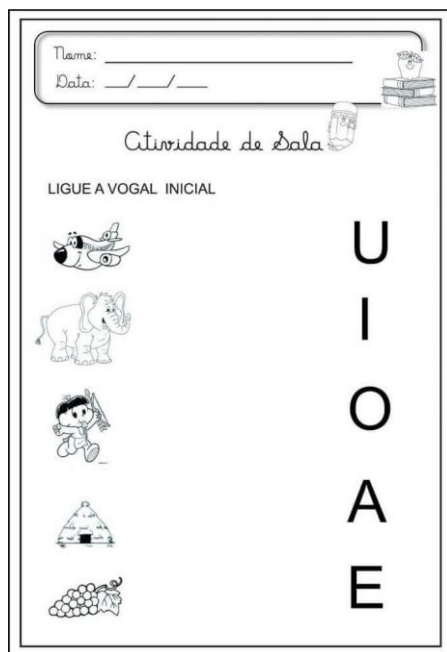
A partir das entrevistas ouvidas e observadas, isso fez com que eu pensasse em elementos naturais para ilustrar e elaborar o material didático de alfabetização. Nesse

trabalho, os professores da Escola Estadual Indígena Central Ikpeng também contribuíram na elaboração do mesmo, principalmente na produção de material pedagógico, além dos alunos de 1º, 2º e 3º ano de ensino Médio, que participaram nas ilustrações.

3. 1 ELABORAÇÃO DO MATERIAL EDUCACIONAL - ETAPAS

A elaboração do material educacional teve quatro fases:

1. Reunião com os professores, diretor e coordenador pedagógico para organizar a sala e a turma que trabalharia na ilustração.
2. Apresentação do assunto para os alunos, com o tema “Oficina de elaboração de desenhos”. No segundo dia, trabalhamos com ilustração de figuras de animais, aves, peixes, insetos, árvores e demais elementos naturais. No terceiro dia, a finalização da oficina e a exposição dos desenhos.
3. Terceiro momento, procurou-se os exemplos de livros de alfabetização na internet. Com qual foi encontrado 125 exemplos com figuras e atividades.



<https://blog.printloja.com.br/atividades-de-alfabetizacao-para-imprimir/>,

4. Sistematização do trabalho, colocando figuras e as atividades, culminando no produto preliminar do material pedagógico.

Figura 9 - Oficina de produção de desenhos



Fonte: Maté Ikpeng (2023)

Figura 10 - Alunos apresentando os desenhos



Fonte: Mate Ikpeng (2023)

3.2 O MATERIAL EDUCACIONAL/PRODUÇÃO PEDAGÓGICA

Para se obter o resultado do trabalho não foi fácil, porque eu não tinha noção de como elaborar o produto pedagógico a partir das narrativas e entrevistas dos anciões. Não sabia por onde começar e tampouco terminar. Literalmente, seria fácil se o material fosse uma coletânea de narrativas, no entanto, o meu anseio maior era construir um livro de alfabetização que tivesse muitas ilustrações, exercícios com coordenação motora, que pudesse contemplar o letramento dos alunos dos anos iniciais.

Entendo que a modalidade de alfabetização da era de “decoreba” foi abolida, mas eu queria adaptar essa modalidade antiga na língua Ikpeng, até porque a educação do povo Ikpeng é uma educação de perfeito. Sendo assim, precisou-se de uma maior concentração e pesquisa na internet para ver exemplos, em que vi alguns materiais de alfabetização com muitas atividades. Seguindo um exemplo encontrado, dei o “pontapé” na elaboração do material.

Também senti as dificuldades na parte de material de escritório para desenhar as figuras, mas o trabalho foi concluído com sucesso, com ajuda dos colegas professores, a disponibilidade do auditório da ATIX, e com a ajuda do diretor da escola, que também disponibilizou material escolar. O incrível foi a ajuda dos alunos do ensino médio que ajudaram na ilustração. Tanto o diretor quanto alguns professores gostaram do trabalho, e eu fiquei feliz por ter chegado ao final. Depois de terminar as figuras, fiz uma exposição dos desenhos, que os próprios alunos indicaram um desenho para a capa do livro, como apresentado a seguir.

Figura 11 - Capa do material educacional



Fonte: Thiago Mate Ikpeng (2023)

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Os próximos parágrafos, do item 4.1 e seus subitens, foram construídos com base na pesquisa de Souza (2020), desenvolvida no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM – UNEMAT – Campus de Barra do Bugres, em que a autora desenvolveu um “DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIAS E CULTURA: ANÁLISE DOS TCC DA FACULDADE INDÍGENA INTERCULTURAL – UNEMAT”.

4.1 EDUCAÇÃO PARA OS ÍNDIOS E/OU EDUCAÇÃO PARA OS INDÍGENAS

A autora (SOUZA, 2020) alerta que, antes de tratar sobre educação para os indígenas, imposta pelos colonizadores europeus, menciona sua concepção a respeito do homem em tempo de desenvolvimento humano, ou seja, que o ser humano é uma espécie de animal racional. Ele pensa, ele faz, ele erra, ele conserta, ele destrói e ele acredita em seu deus e em espíritos. Desde o princípio, quando o homem surgiu, ele vinha descobrindo o meio de sobreviver e de se adaptar ao ambiente e à natureza.

Assim é que a diversidade era o motivo de aprendizagem e de adquirir experiência. Tudo que ele avistava ao seu redor era novidade, porém, o lugar trazia abrigo ou trazia perigo. O homem vivia de experimentar e de testar, mesmo atualmente, vive-se de experimentar e de testar, pois assim é que a ciência surgiu e continua aperfeiçoando para melhorar o viver do ser humano.

Então, desde os primórdios, o homem ensinava para viver e educava sobre o respeito dos perigos da natureza para sobreviver, como exposto no texto do RCNEI (BRASIL, 2018, p. 23)

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural. O resultado são valores, concepções e conhecimentos científicos e filosóficos próprios, elaborados em condições únicas e formulados a partir de pesquisa e reflexões originais. Observar, experimentar, estabelecer relações de causalidade, formular princípios, definir métodos adequados, são alguns dos mecanismos que possibilitaram a esses povos a produção de ricos acervos de informação e reflexões sobre a Natureza, sobre a vida

social e sobre os mistérios da existência humana. Desenvolveram uma atitude de investigação científica, procurando estabelecer um ordenamento do mundo natural que serve para classificar os diversos elementos. Esse fundamento implica necessariamente pensar a escola a partir das concepções indígenas do mundo e do homem e das formas de organização social, política, cultural, econômica e religiosa desses povos.

Os indígenas não são diferentes dos outros seres humanos, pois têm a mesma estrutura do corpo humano. Desde a época dos nossos antepassados, eles também viviam de experimentar e de testar. Os criadores/Deuses criaram os seres humanos com seus espíritos e lhes deram educação, da forma que cada povo poderia educar à sua semelhança. Por isso, antes do contato com o homem branco, os indígenas viviam nus, praticando suas culturas religiosas, espirituais, falavam sua língua materna, praticavam suas culinárias e faziam suas festas com liberdade. Importante destacar que educavam suas gerações para manter suas especificidades por mais tempo ou para manter sua identidade cultural.

Em 1500, o dito, “Descobrimento do Brasil”, quando os Europeus invadiram esta terra indígena, depararam-se com os indígenas nus, como animais no litoral brasileiro. Esses pareciam ser puros, sem alma, sem espírito e sem capacidade cognitiva. Pensavam como animais. Por isso, os europeus impuseram os seus sistemas educacionais e religiões, por meio da catequização pelos jesuítas e missionários.

Muitos pesquisadores tratam da educação escolar indígena no Brasil,

De acordo com Melià (1979), na primeira fase da história da educação indígena, há a negação da cultura, do modo de ser e de viver desses povos no Brasil, negando a diversidade e apenas com o interesse de inclui-los como mão de obra na sociedade nacional. Toda essa descaracterização está ligada à ação da igreja, e mesmo após a expulsão dos missionários, os jesuítas usaram a educação religiosa para aniquilar a cultura e impor o ensino obrigatório em português para civilizar os indígenas.

A intenção dos colonizadores era destruir politicamente a organização social dos povos indígenas, assim como aconteceu com o povo Juruna do Xingu e também de outros povos indígenas.

Ao longo dos tempos, as missões religiosas foram se expandindo pelo território brasileiro, impondo aos indígenas o ensino religioso perverso.

Essa ação missionária afetou os indígenas do Amazonas, tais como os Baniwa, Tukano, Arapaso, Dessano, Tariana, Tapuia e Baré. Nessas comunidades foram

instalados internatos nas escolas, com a introdução da língua, histórias e valores da sociedade dominante. Mudando o caráter, não apenas a organização, mas, sim, causando conflito em relação às condições de vida da sociedade indígena.

Nesses internatos, o ensino de língua portuguesa restringiu a língua nativa, ou seja, era proibido falar a língua materna desses povos. As crianças eram retiradas e separadas dos seus pais. Essa concepção era, então, para mudar a ordem social por meio da educação colonizadora.

4.1.1 A interação dos indígenas à comunhão nacional: do SPI à FUNAI, SIL e outras missões religiosas

Depois de muita luta e massacre, a criação do SPI, em 1910, foi o marco histórico da segunda fase da história da educação para os indígenas no Brasil. Depois de quatro séculos de extermínio das populações indígenas, o estado reformulou uma política indigenista menos desumana, com preocupação com a diversidade cultural e linguística.

O SPI (SPI,1953, p. 10, apud CUNHA, 1990, p.80), em 1953, formulou um programa de reestruturação das escolas de acordo com a necessidade de cada grupo indígena, para preparar as crianças para assumir papéis fundamentais, em uma escola agrícola construída para concentrar os estudantes indígenas, denominada de “casa do índio”. Desta forma, foi elaborado um currículo voltado para atividades práticas, tanto masculinas como femininas.

Esse momento da história da educação foi muito significativo, pois ocorreu a criação da FUNAI e a extinção do SPI. Houve também o ensino bilíngue, proposto pela própria FUNAI, que trouxe mais respeito aos valores dos povos indígenas.

Tendo em vista que, em 1973, o Estatuto do Índio (lei 6.001) tornou obrigatório o ensino de línguas nativas nas escolas indígenas (BRASIL, 1972, p. 12, apud CUNHA, 1990: 96), a FUNAI capacitou indígenas para assumir integralmente funções educativas em suas comunidades.

A partir de 1970, foram implementados projetos de desenvolvimento comunitário em vários grupos indígenas, como os Xavante, Xokleng, Gavião e Yanomami. E dentro dessa perspectiva, as diretrizes básicas da FUNAI, fundamentadas no Estatuto do Índio, atenderam à Convenção 107 de Genebra, de 1957, que dispunha sobre a proteção e a integração das populações indígenas e outras populações tribais e semitribais de países independentes.

Assim é que o artigo 23 dessa Convenção, no primeiro parágrafo, estabelece o direito à alfabetização nas línguas indígenas, que as crianças devem ser capacitadas a ler e a escrever na língua materna. Já o artigo 49 do Estatuto do Índio enfatiza o ensino bilíngue. (AMMANN, 1984, apud CUNHA, 1990, p. 70).

Cabe ressaltar que, na época do SPI, não havia programas educacionais objetivando o ensino bilíngue, em consequência da ausência de pessoas capacitadas para lidar com as diversidades culturais e variedades linguísticas existentes no Brasil. Para lidar com a grande variedade linguística, a FUNAI recorreu ao programa Summer Institute of Linguistics (SIL), no Brasil desde 1959, já que o ensino de língua nativa era obrigatório, tal como previsto no Estatuto do Índio.

Após a FUNAI assumir a educação escolar indígena, essa instituição adotou integralmente o modelo de SIL, na tentativa de suprir as deficiências do SPI, em relação à diversidade linguística cultural das sociedades indígenas, e também da qualificação do quadro dos profissionais. De acordo com Kindell e Jones (1999, p. 9): “Talvez o papel mais importante da educação bilíngue seja o alcance de uma integração adequada. Através de explicações dadas na língua materna, a criança consegue entender muito melhor e transmitir para os pais conceitos e valores da cultura nacional”.

Compreende-se que a atuação do SIL neste cenário era integrar os povos indígenas no estado como evidencia um dos relatórios da entidade: “Um dos princípios da entidade, adotado desde os seus primórdios, é o de sempre procurar desenvolver suas atividades linguísticas segundo as expectativas, trabalhar” (SIL, 1986: 3, apud CUNHA, 1990, p. 86).

Ao longo dos anos, depois de muita crítica ao SIL por alguns países, o SIL realizou parceria com a FUNAI e, juntos, elaboraram materiais pedagógicos de alfabetização para dar suporte ao trabalho de professores indígenas. No entanto, nesses materiais pedagógicos não havia qualidade e nem atendia a especificidades dos povos indígenas, mas, sim, esse material visava somente integrar os povos indígenas à sociedade envolvente.

A implementação da educação escolar indígena se expandiu por territórios indígenas, e chegou ao Parque Indígena do Xingu, em maio de 1984. Inicialmente, os xinguanos negaram a proposta educacional implementada, tampouco alguns xinguanos, como os Kaiabi, voltaram atrás para aceitar a educação oferecida pelos missionários do SIL. Em 1990, o líder Kaiabi avaliou o trabalho de missionários, desta forma:

“É fazer a gente o que tem. Querem que a gente viva como eles, como os brancos vivem. Querem que a gente case no católico, ensinam a tomar café e não deixar a gente usar cultura da gente. Porque os missionários destruíram a cultura dos Kaiabi que vivem no rio dos Teles Peixes. Lá os índios só vivem atrás da comida do branco. Lá eles não cantam mais a festa da gente. Hoje a gente não quer que esses missionários venham aqui”.

Por fim, os xinguanos entenderam que nos materiais elaborados pelo SIL não havia qualidade, porque não contemplava a realidade de cada etnia.

4.1.2 A formação de projetos alternativos de educação escolar: da participação de organizações não governamentais aos encontros de educação para indígenas

No final de anos 70, durante do regime militar, o cenário da educação escolar indígena começou a mudar. Universidades como USP, UFRJ, UNICAMP, entre outras, contribuíram com assessorias especializadas na tentativa de mudar o cenário da educação escolar indígena.

Com a promulgação da constituição de 1988, vários direitos fundamentais dos povos indígenas foram garantidos. A partir dos direitos conquistados, foram realizados encontros de professores cujo objetivo era reivindicar melhoria e implementação da educação escolar indígena, de modo que atendesse as especificidades de cada sociedade. Também foi reivindicada formação dos professores indígenas para atuar nas escolas de suas comunidades.

4.1.3 Experiências de autoria: da organização do movimento indígena aos encontros de professores indígenas

A partir de década 70, ainda no período militar, surgiram várias organizações não governamentais dos povos indígenas em diferentes regiões, e foram realizadas também assembleias, procurando solucionar vários problemas, tais como a defesa dos territórios,

o respeito à diversidade linguística cultural, assistência à saúde, a adequação do processo próprio de ensino educacionais, específicos e diferenciados.

A década de 80 foi um período de intensa articulação, com a criação da União das Nações Indígenas (UNI), no dia 19 de abril de 1980. Segundo Alvaro Tukano, um dos fundadores, “a UNI nasceu justamente como consequência da opressão dos povos indígenas, que vinham sofrendo não só deste tempo, mas durante quatro séculos” (comissão pró-índio, 1982).

A UNI passa, então, a representar os indígenas em todo território nacional, os quais começaram a reivindicar participação integral para implementação de projetos educacionais voltados a sua realidade e especificidade. Para Alvaro Tukano: “Nós fizemos um debate sobre a questão da educação e religião, quando, como ocorre muitas vezes, o filho indígena aprende só coisas do branco. Com esse processo de ensino adotado pelas missões religiosas, ele perde ou tem vergonha de se manifestar como ser indígena” (1982, p. 60).

Nesse debate também foram reivindicados o sistema adequado específico para atender a especificidade dos povos indígenas e da precariedade da infraestrutura das escolas, desta forma:

Queremos também programas de educação seja realizado pelos próprios índios e com materiais didáticos que falem sobre as nossas próprias realidades, não esquecendo de ser uma educação bilíngue e que dê maior autonomia para as populações indígenas. Reivindicamos que o governo brasileiro nos dê condições para frequentarmos as universidades independentemente das normas pelo vestibular (CEDI, 1985, p. 15).

E mais, nessas reivindicações dos povos indígenas,

A Funai e a Secretaria de Educação do Estado realizaram as melhorias das condições da educação escolar. Queremos que a Funai e a Secretaria de Educação do Estado deem melhores condições para nossos professores indígenas ensinarem em nossas comunidades. Reivindicamos a ampliação do convênio Funai/Sec. de Ed./CPI-AC no sentido de treinar e contratar novos monitores indígenas [...] e que educação seja bilíngue, resguardado a nossa língua e que as nossas escolas tenham um currículo e calendário próprio de acordo com os costumes de nossas comunidades (CEDI, 1987, p. 272).

Apesar de os direitos indígenas estarem na constituição de 1988, ainda não estão tão explícitos no sistema educacional. As organizações sociais e culturais dos povos indígenas, principalmente em relação à educação escolar específica e diferenciada, diante dessa invisibilidade, exigem o reconhecimento e respeito às organizações sociais e

culturais, visto que a primeira bandeira do movimento dos povos indígenas é reivindicar o reconhecimento dos seus direitos. Nesse sentido, Ailton Krenak afirma que:

A ideia de autodeterminação é algo meio impreciso. Cada índio entende de um modo. E cada aliado da luta imagina uma forma de autodeterminação para o índio. Há modelos mais aproximados das aspirações indígenas e outros que não têm nenhuma proximidade com essas aspirações. O que expressamos não é a ideia de um todo da população indígena, mas apenas de uma parcela que, através de um processo de luta e de resistência, foi compreendendo algumas formas de organização que não são dos índios. A própria palavra nos é estranha (depoimento à 5ª Assembleia Nacional do CIMI, em julho de 1983; CEDI 1984, p. 22).

4.1.4 Os encontros de professores indígenas no Brasil

Além do movimento geral dos povos indígenas, os professores também se organizaram em muitos estados brasileiros, como Amazonas, Roraima e Mato Grosso, reclamando a inadequação da implantação das escolas nas aldeias, elaboração dos materiais pedagógicos específicos, valorização do processo próprio de ensino e demais assuntos voltados à educação escolar indígena, como mostrado a seguir.

Escola em área indígena deve ser tronar verdadeiramente indígena, deve ser voltar para a comunidade toda e deve atender às necessidades de mesma. Com isso se pretende deixar de lado ações paternalistas e caminhar rumo à autonomia, resgatando a cultura, a língua, os usos e costumes, as tradições dos vários povos indígenas de Roraima. Deve ser garantida a continuidade dos trabalhos iniciados, ou serem iniciados. Disso vem a exigência dos próprios indígenas de assumirem o gerenciamento de suas escolas. Para alcançar isso, devem ser promovidos e difundidos cursos de formação, capacitação, aprimoramento e reciclagem para professores e candidatos a professores indígenas (OPIR, 1999).

O movimento dos professores indígenas do Brasil resultou diretamente e indiretamente da ajuda dos parceiros institucionais, que conseguiram capacitação e formação para professores indígenas, além de produção de cartilhas com a colaboração de antropólogos especializados, na elaboração de materiais pedagógicos.

Na sequência, veremos a situação ou processo da educação e da educação escolar Ikpeng.

4.2 SITUAÇÃO OU PROCESSO EDUCACIONAL DO POVO IKPENG

Antes do contato com os não indígenas, o povo Ikpeng educava seus filhos na casa, ao anoitecer, e ao amanhecer, ensinavam seus filhos a caçar, pescar, construir maloca, a fazer artefatos em espaços dialógicos e atividades de práticas culturais.

As crianças aprendiam através da leitura do mundo, observando as pessoas adultas, imitando o trabalho das pessoas e dos seus pais. Elas brincavam de construir casinhas, casamento, fazer arquinho e flechinha, brincavam de realizar ritual entre elas, brincavam até de guerrear e de raptar as crianças dos seus oponentes, assim elas aprendiam desde pequenas, e futuramente, quando elas cresciam, colocavam seus aprendizados em práticas.

A educação Ikpeng, assim como a educação indígena, é vista ou definida de várias formas, e também sagradas, pois independentemente da situação educacional, ela é definida ou limitada pela regra. Cada situação tem sua peculiaridade, aprender não é fácil, mas deve ser praticada no dia a dia. Por exemplo: quando dois meninos pescam e pegam seis peixes, eles devem dividir os peixes em quantidades iguais ou de tamanho igual. Se o menino levar os maiores peixes do que seu amigo, esse não será um bom menino, porque trapaceira não é uma coisa boa para o povo Ikpeng.

Apesar de muitas regras de conduta, a educação Ikpeng é uma liberdade de expressão, do modo de ser e de viver ao cultivar a cultura. Por isso os povos indígenas sustentaram suas alteridades por muito tempo, graças a suas ações pedagógicas tradicionais.

Atualmente, com a introdução da educação ocidental sistematizada em seu meio, alguns processos de ensino próprio mudaram. Os pais não educam, não ensinam mais seus filhos como os antepassados educavam seus filhos. A educação passou por um processo de ressignificação ou por uma transformação de acordo com a nova era. O ensino e a educação ficaram por conta dos professores que possuem formação igual ao do homem branco. Em virtude dessa mudança, o processo próprio de ensino perdeu espaço para a educação sistematizada.

Contudo, as crianças ainda brincam de construir maloca, muitas vezes brincam de jogar bola, brincar de boneca, brincar de enfermeira, médico, brincam de carrinho e demais brincadeiras incorporadas do homem branco. Mesmo afirmada a cima, a perda do espaço da educação Ikpeng pela educação sistematizada, a educação Ikpeng ainda

prevalece em algumas ocasiões e deixar de ser praticada, sem incorporar e adaptar novos conhecimentos ao seu meio de viver e de ser Ikpeng. Na figura seguinte, uma brincadeira de criança Ikpeng.

Figura 12: Moang Tamar Ikpeng brincando de construir casa.



Fonte: Mate Ikpeng -2022.

Nesta imagem, as crianças Ikpeng na escola indígena estão atentas à explicação dos professores.

Figura 13: Os alunos da Escola Estadual Indígena Central Ikpeng



Fonte: Mate Ikpeng (2022).

4.2.1 Organização social

Dizem os anciões que os antepassados do povo Ikpeng se organizavam da seguinte forma: havia o ugwerem (chefe) ou liderança forte, aquele sujeito que se destacava e liderava a guerra. Então ele era o chefe do guerreiro, todos o respeitavam. Havia também um sujeito trabalhador que não dependia de ninguém para ordenar o trabalho, ele era o chefe do trabalhador. E também um sujeito que promovia a festa Wokyoro (dono da festa), o chefe do ritual. Portanto, havia o grande líder que todos respeitavam, pois ele tinha instinto de comandar seu povo, era o chefe maior de seu povo.

Porém, o chefe acima de todos, aquele que acordava ao amanhecer, que ia ao pátio da aldeia ordenar o trabalho ou para educar e aconselhar o seu povo, era o sábio, considerado ugume (o chefe/ o pai de todos). Talvez esse ugume fosse o cacique geral da aldeia. Era assim que eles se organizavam para executar o trabalho ordenado pelas lideranças fortes e pelo ancião sábio.

Atualmente, a organização do povo Ikpeng tem mudado um pouco, na qual o cacique governa seu povo e sua comunidade, e também seus líderes que decidem e executam as atividades ordenadas pelo cacique. Por exemplo: quando o cacique ordena uma pescaria coletiva, o líder comanda o seu grupo para executar as atividades; os jovens e mulheres também têm seus líderes.

Na atualidade, os Ikpeng fundaram a sua associação, a Associação Indígena Moygu Comunidade Ikpeng, na qual um membro cuida dos projetos da comunidade. Há também a escola/unidade executora, cujos gestores e professores são todos indígenas; a escola tem aproximadamente 180 alunos, além dos alunos de sala anexa.

As mulheres Ikpeng também se organizaram. Yarang é o nome do movimento das mulheres, no qual trabalham na coleta de sementes para campanha de restauração de matas ou terras degradadas para o reflorestamento das matas. A palavra Yarang significa formiga cortadeira, a formiga de cabeça de vidro. As mulheres denominaram o seu movimento porque as formigas são produtoras que juntam certas sementes também.

O Movimento dos Jovens Ikpeng (MJJI) é o nome da organização das juventudes Ikpeng. Eles se organizam para ajudar sua comunidade, nos eventos que acontecem no Polo Pavuru. A maioria são alunos de Ensino Fundamental e Médio. Eles fazem palestras nas aldeias vizinhas em relação às mudanças climáticas, sobre uso de bebida alcoólica,

prevenção e combate do fogo e outros assuntos que afetam a juventude e seu meio de viver.

Essa nova modalidade de organizar veio da organização ocidental, então todos os responsáveis das instituições são lideranças que decidem para seu povo. Essas características e o modo de se organizar enfraquecem o poder do cacique geral da aldeia. Culturalmente, o chefe da festa é quem está mais forte na atualidade, pois quando ele decide, todo mundo obedece.

4.2.2 Modo de viver e de ser Ikpeng

Neste item, tratamos de alguns aspectos específicos, frisando na história do povo Ikpeng, que é um povo muito bravo, por isso eles brigavam com os outros povos antes do contato, no entanto, não brigam mais, tendo em vista que, depois do contato e de casamentos interétnicos, os Ikpeng mantêm laços de amizade e união com outros povos.

Contudo, ainda mantêm o espírito de guerreiros, pois quando eles não gostam ou não aceitam determinados assuntos, partem para brigar, mas brigam de outro jeito, pois o arco, a flecha e a borduna foram substituídas pela caneta e pelo papel.

É um povo hilário, gosta de brincar e zoar dos outros, concentra-se na praça central ou/e na casa dos homens (Mingye) onde decide e encaminha as atividades comunitárias ou faz reunião quando há um assunto que envolve saúde, educação e demais interesses da comunidade.

Esse povo ainda mantém sua língua e sua cultura viva, apesar da miscigenação, a cultura do povo é dominante e, por isso, os filhos de família mestiça valorizam e dominam o modo de ser do Ikpeng. No entanto, os mestiços quebram as regras alimentares e modo de viver do Ikpeng, talvez a modernidade também tenha contribuído para essa mudança, pois, em tese, toda cultura é dinâmica, assim como a língua também é dinâmica.

Em relação à organização espacial, constroem sua aldeia em forma de circunferência, como mostrado na imagem a seguir:

Figura 14: Aldeia Moygu - vista aérea



Fonte: Kamatxi (2022)

Alguns anciões educam seus filhos e netos ao anoitecer e ao amanhecer. Os jovens acordam de madrugada, vão tomar banho, como de costume, não se importando se amanhece chovendo, se está fazendo muito frio, pois se o jovem não se banhar cedo, ele pode ter envelhecimento precoce. Por isso os jovens se banham para purificar e quebrar o acúmulo de preguiça.

Os jovens só não vão se banhar cedo somente em caso de luto, pois durante o luto, o espírito do falecido vaga pela Terra na tentativa de se vigiar de alguém que fez mal, ou uma pessoa que não respeita a regra do luto.

Os Ikpeng têm mais cuidado ao se alimentarem, como veremos no próximo item.

4.2.3 Soberania alimentar

Neste item tratamos sobre a soberania alimentar do povo Ikpeng, ou seja, por que os Ikpeng não se alimentam de qualquer maneira? Não se alimentam de qualquer maneira porque o seu criador definiu como seria sua alimentação.

Assim, abordamos primeiramente sobre alimentos das pessoas que possuem filho recém-nascido. Antes disso, quando a mulher percebe que está grávida, ela não deve se alimentar de qualquer jeito, por exemplo, se ela comer mel de abelha enquanto estiver grávida, a criança poderá nascer com má formação ou cheia de feridas. Se ela comer frutas azedas, ela pode abortar; se comer peixe de couro, a criança poderá nascer com defeito.

Por isso o casal só se alimenta de certos peixinhos ou certos pássaros; se comer mutum, a criança poderá nascer deficiente.

Quando a criança nasce, o casal fica um dia sem comer, depois as mães do casal oferecem somente mingau feito de polvilho. No dia seguinte, os pais do casal caçam pássaros, como pombo, nambu, papagaio, jacu de cabeça branca e demais pássaros que são encomendados para alimentar os pais do recém-nascido.

Quando a criança completa uma ou duas semanas de vida, os pais começam a comer peixinhos, mas depende da regra da família, pois há famílias que ficam até um mês sem comer peixe, comem apenas pássaros. Só depois de a criança completar dois anos de vida é que os pais devem comer peixes grandes e caças. No entanto, mesmo que a criança complete dois anos, os pais jovens não devem comer peixe grande, pois eles precisam se cuidar para retardar o envelhecimento. Portanto, os peixes grandes de couro ou de escama provocam o envelhecimento precoce.

A criança, quando passa para a fase de adolescente, não deve se alimentar de todos os alimentos, pois existem certos alimentos encomendados para alimentar o jovem. Caso se alimente de qualquer alimento, poderá sofrer reumatismo ou envelhecimento precoce, e terá a vida comprometida mais cedo. Por isso, o jovem que está de resguardo ou um menino que passa na fase da vida para adolescente, precisa ser orientado antes de ingerir alimentos.

O ancião também tem seus cuidados ao se alimentar, porque ele precisa se cuidar para resistir por muitos anos, e assim ele vai educando e aconselhando os jovens. A maioria dos anciões não têm cabelo branco, dizem eles: quem não respeitar as regras alimentares pode ter cabelo branco mais cedo ou pode sofrer reumatismo.

4.2.4 Passagem da fase da vida da criança para adolescente

A festa Moyngo (ritual de passagem da vida de adolescente) dura um ou dois anos inteiros, dependendo da organização do chefe da festa, pois precisa passar por toda organização para que, no final, ocorra tudo certo, conforme previsto.

Durante a festa, as pessoas promovem brincadeiras. A cada atividade comunitária, as pessoas fazem um tipo de ritual, por exemplo, quando fazem pescaria coletiva, correm com peixe na mão do meio do pátio da aldeia até entrar na casa do dono da festa; enquanto correm com o peixe, as mulheres pegam os peixes dos homens.

Quando os homens vão trabalhar, ao retornarem do trabalho, eles correm com lenha e as mulheres pegam a lenha deles. Assim fazem sempre durante a festa, e quando é finalizada, não se deve praticar esse tipo de ritual, porque é assim que nosso criador ordenou.

Talvez, aqui, o leitor possa se perguntar? Por que, nesta dissertação, discorre-se sobre este ritual? Respondo: se o trabalho é voltado mais para educação, então cada manifestação cultural relaciona-se à educação, pois cada ação cultural é um espaço de educar e de aconselhar.

A festa tradicional não acontece por acontecer, mas, sim, é promovida para preparar e educar as crianças para passar à fase da adolescência, por isso a festa dura um ou dois anos. Durante essa manifestação cultural, os pais educam as crianças que passam por essa fase da vida, pois quando esse momento se inicia, as crianças já sabem como se comportar e lidar com essa situação.

A imagem a seguir retrata os padrinhos jovens, culturalmente. O jovem não deve ser o padrinho porque não possui as experiências de vida ainda, mas na ausência das pessoas maduras, os jovens assumem.

Figura 15: Final do ritual - os padrinhos das crianças se preparando



Fonte: Aluno de 3º ano de Ensino Médio (2022)

Na figura seguinte, o cabelo de um menino sendo cortado pelo padrinho para ser enfeitado. Nessa ocasião, a família do padrinho não deve soltar a mão do menino até que ele fique bem enfeitado, aí ele poderá ser solto.

Figura 16: Menino no ritual de finalização da fase da vida



Fonte: Mate Ikpeng (2022).

Já na figura seguinte, os meninos Ikpeng já preparados por seus padrinhos.

Figura 17: Meninos já preparados por seus padrinhos



Fonte: Mate Ikpeng (2022).

4.2.5 Casamento

Neste item tratamos do namoro e do casamento do povo Ikpeng. Antigamente, quando a moça entrava na puberdade, os pais a educavam e a preparavam. A mãe a ensinava a tecer rede, fiar algodão, fazer comida. Ela passava por todo processo de aprendizagem da natureza do trabalho feminino. Quando ela saía de puberdade, a mãe não a deixava namorar porque o corpo dela tinha que amadurecer para receber um filho.

Quando ela ficava pronta, os pais a deixavam livre para namorar e casar. Quando o rapaz admirava ou se encantava por ela, era o começo de namoro ou casamento. Então

ela namorava, e quando os pais descobriam o clima do namoro, os pais da moça combinavam com os pais do rapaz. Todas as pessoas ficavam sabendo do casamento.

No dia seguinte, ao anoitecer, os pais da moça iam à casa dos pais do rapaz para pedir o casamento da filha com o rapaz. As famílias da moça e do rapaz se juntavam, conversavam, e depois de entrarem em consenso, os pais da moça desatavam a rede e o rapaz levava para a casa dos pais da moça. Assim saía a cerimônia de casamento. Contudo, se os pais do rapaz é quem pediam o casamento, a moça ia morar na casa do sogro; se o pai da moça era quem pedia o casamento da filha, o rapaz ia morar na casa do sogro.

Antes de se casarem, tanto a moça quanto o rapaz passam por um ensinamento. Os jovens só se casam quando amadurecem e aprendem a fazer artefatos, a caçarem e a construírem a maloca.

Atualmente, o modo de namorar e de casar mudou radicalmente. Os jovens se casam muito cedo, antes mesmo de passarem por um processo de preparação. Os jovens namoram escondidos, não se casam de acordo com consenso dos pais, muitas vezes os jovens roubam as moças. Quando o jovem tem filhos, não sabe cuidar deles e os filhos ficam doentes por falta de cuidados dos pais. E mais, quebram as regras alimentares e também dependem dos pais e sogro para pescar para eles. A maioria dos jovens não sabe fazer artefatos e lidar com a natureza. A consequência disso é que a esposa do jovem não possui artefato para usufruir na casa, e por falta de conhecimento dos elementos naturais, os jovens correm risco de se perderem no mato, de serem emboscados pelos animais ferozes, etc.

4.2.6 Natureza

Neste item, abordamos a visão do Povo Ikpeng em relação à natureza, a qual não é vista apenas como riqueza, mas sim, como a base para a vida e sobrevivência. Na natureza está a cultura, a língua e o saber do povo, pois sem natureza não haveria história para contar; sem a natureza não haveria alimento para viver e sobreviver; sem a natureza não haveria a língua do povo Ikpeng. Somos parte da natureza, e nela está a nossa religião, na qual cremos em espíritos naturais, por isso a respeitamos, por ela nos trazer algo muito importante para nós.

Os Ikpeng acreditam muito nos espíritos da natureza, pois existem os espíritos do mal e do bem. Se nós não respeitarmos a natureza, o espírito dela pode fazer mal para

nós. Cada elemento natural tem seu espírito, como árvore, animal, ave, peixe, serpente, rio, lagoa, riacho, córrego, insetos e demais elementos naturais.

A olho nu não podemos ver o espírito, mas podemos percebê-lo em forma de brisa, ou quando ele se revolta; podemos vê-lo também em forma de tempestade. Por isso, ao retirar algum recurso da natureza, devemos fazer um pedido ao dono, para que ele se alegre e não faça mal para nós.

Quando um elemento natural é extinto, uma parte da cultura e da língua vai junto. É o mesmo que, se um sábio morrer, ele levará todo seu conhecimento.

4.2.7 Atual educação do povo Ikpeng

Antigamente, o povo Ikpeng educava seus filhos ao anoitecer e ao amanhecer, em relação a respeito, ética social e aos cuidados que se deve ter frente aos perigos dos elementos naturais. Educava seus filhos sobre as regras de soberania alimentar, de regras de rituais sagrados, dos ritos de passagem da vida, da juventude e demais doutrinas dadas pelos ancestrais.

Antes de fazer essas atividades, era necessário passar primeiramente pelo conselho e/ou pela educação dos seus pais e avós. Por exemplo, ao caçar, os pais aconselhavam seus filhos para ter respeito consigo e pela natureza. Entrar no mato com os olhos atentos e os ouvidos preparados para distinguir barulho, pegada e canto da caça, pois quando a natureza silencia, é porque o perigo deve estar por perto. Quando algumas espécies de passarinhos cantam, é sinal de que algo de errado pode acontecer ou sinal de aviso que não irá encontrar a caça. Deve-se, então, atentar-se aos ruídos e aos sussurros dos ventos para não ser surpreendido ou emboscado pelos animais ferozes. Educava-se, portanto, os filhos sobre ter respeito pelas árvores e pelos animais sagrados.

Quando acontecia a perda de alguém da família do grupo Ikpeng, os pais educavam rigorosamente seus filhos para não cometer o erro ou quebrar a regra, porque quem não respeitasse o luto da família, o espírito do falecido poderia aparecer na tentativa de se vingar das pessoas que não o respeitaram.

Além da casa, que é o lugar de educar as crianças, os lugares de trabalhos também são espaços de educação, pois quando um ancião ou um indivíduo experiente estiver trabalhando, ao mesmo tempo ele narrará a história, aconselhará sobre trabalho ou ele ordenará. As crianças apenas ouvem, observam e seguem as ordens dos seus pais, seus avós ou mestre de canto. O pátio da aldeia também é o principal palco de conselho dos

anciões. Ao amanhecer, eles acordam para educar e aconselhar os jovens, dando atenção para as pessoas.

4.2.8 Processo próprio de ensino

Com o processo próprio de ensino, para assimilar o conhecimento do povo Ikpeng, os pais ensinavam seus filhos de acordo com sua especialidade e habilidade, ou seja, o artesão ensinava seus filhos as técnicas de retirar recursos naturais para transformar em objetos. Durante o ensino de confecção, os pais iam narrando sobre as regras de confecção e as técnicas, por isso a criança aprendia três coisas simultaneamente, ou seja: a confeccionar, a história e as regras dos artefatos.

Existem peculiaridades no processo próprio de ensino, pois cada pessoa especializada em tal conhecimento ensinava seu filho, como foi citado acima, por exemplo: o artesão ensinava seu filho a confeccionar artesanato; o arquiteto ensinava seu filho a construir a casa tradicional; o pescador/caçador ensinava a seu filho as técnicas de caçada e pescaria; o historiador ensinava seu filho a narrar a história; o cantor ensinava seu filho a cantar e também ensinava a regra de cantoria; o produtor ensinava seu filho a plantar e a colher; o curandeiro/raizeiro ensinava seu filho a curar e a usar ervas. Assim como as mulheres, as sábias ensinavam às suas filhas os conhecimentos que sabiam, por exemplo: elas ensinavam a tecer rede, a confeccionar rede de puxar, esteira, bolsa e demais atividades das práticas femininas.

As crianças iam aprendendo com ensinamentos dos seus pais e também através da observação das práticas das pessoas adultas, pois além do ensinamento dos seus pais, elas aprendiam sem precisar da ajuda deles; aprendiam imitando as atividades e o movimento das pessoas adultas, e também através da leitura do mundo, ou seja, tudo que acontecia ao seu redor.

Então, as crianças começavam a brincar. Brincar de construir a casa, de construir arco e flecha, de bater timbó, de casamento, e de todos os tipos de atividades das pessoas adultas. Todas essas brincadeiras faziam parte das atividades educativas. Para se ter certeza de que a criança entrava na fase de estágio, quando ela crescia, ela praticava organizando todos os conhecimentos adquiridos.

Ensinar exige respeito de quem vai ensinar e de quem vai ser ensinado. Por isso é que os pais ou professores devem ensinar seus filhos ou alunos corretamente, pois se não ensinarem, os mesmos poderão se transformar em pessoas mal educadas.

Nos próximos itens, são apresentados outros métodos de se educar e ensinar do povo Ikpeng.

4.2.9 Educação e o processo próprio de ensino dados à mãe desde a gravidez até a criança

Nessa seção, abordamos sobre a educação mais específica, apesar de apresentarmos a educação e o processo próprio de ensino anteriormente, aqui mostraremos o método particular para educar e ensinar a partir da narrativa.

Quando a mulher percebe que está grávida, os pais começam a educar ou aconselhar a moça grávida toda noite, de dia, ou no amanhecer, a respeito da gravidez. Os pais proíbem alguns alimentos que fazem mal à saúde para a mulher grávida e também proíbem algumas atividades cotidianas.

O pai da moça grávida educa sua filha por meio de narrativas. Ele conta histórias ou fatos acontecidos com grávidas no tempo dos ancestrais, quando se consumia alimentos ou se faziam algumas atividades que não eram permitidas à mulher grávida. Por isso, esses conhecimentos são repassados de geração em geração. Quando a moça grávida não respeita ou não segue o conselho dos pais, futuramente ela pode sofrer consequências, ter problemas de saúde, tanto ela quanto o bebê.

Quando a moça está grávida, o pai e a mãe a proíbem de consumir alguns alimentos que podem prejudicar sua gestação. A mãe e o pai aconselham a filha a não comer os alimentos que não são bons para a primeira gravidez. A mãe orienta a filha a não se deitar na rede de barriga para baixo, levantar cedo, não sentar no banco durante a gravidez e nem ralar mandioca, pois ela pode abortar o bebê, ou ele pode ficar atravessado na barriga da mãe. O esposo daquela moça não pode fazer nada, como: derrubada à roça, pé de derrubar Inajá, Guarantã que faz o aborto e nascer bebê morto na mulher. (YALAU, 2019).

Quando a moça ganha o bebê, ela segue todas as orientações dos pais. Ela não pode comer quase nada, somente alguns passarinhos, tomar mingau, até cair o cordão umbilical (iwonpĩn) da criança ou completar um mês de vida. Durante a vida da criança, a mãe sempre é cobrada e aconselhada. Assim, a moça vai adquirindo a experiência e o conhecimento de criar seu filho, que futuramente ela repassará esses saberes para outras gerações. Os jovens casais não devem responder nada, eles apenas escutam os conselhos dos mais velhos, assim também os pais escutam quando os jovens pedem conselhos dos

pais antes de fazerem algo, como diz Paulo Freire (1996, p. 53), “aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a ferir com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele”. Na sequência, veremos como educar a criança.

4.2.10 Educação para a criança

Quando a criança começa a falar ou perceber o mundo a seu redor, como um alimento, ela chora, chora porque quer mamar, ou pegar em objetos, geralmente para colocá-los na boca. Negar algo para uma criança é porque não lhe é permitido ou não é adequado para ela. A partir disso, deve-se dar atenção a ela.

Em certas idades, por exemplo, quando a criança começa a andar, ela ainda não tem noção do que faz na vida, não enxerga o perigo de se machucar e de machucar seu próximo. Tudo que ela vê na frente quer tocar, ou subir em árvores. Cada ação que a criança faz, recebe educação dos pais. Por exemplo, quando bate em outra criança, os pais a educam no mesmo momento ou, geralmente, ao anoitecer. Bater em uma criança para pagar a outra não é uma forma correta de se educar.

No entanto, percebe-se que alguns pais jovens batiam nos filhos (crianças) quando elas brigavam por causa dos brinquedos, até mesmo os pais discutiam entre eles. Pelo visto, esses pais jovens não tiveram educação e preparo antes. Os sábios dizem: quando os pais são educados, quando as crianças brigam, a mãe da criança, que bateu na outra, pega a que está chorando e a consola; a mãe pega o brinquedo e dá para a criança que está chorando para parar de chorar. No mesmo momento, a mãe da criança educa seu filho, dizendo para ela que bater em um amigo não é bom, morder em seu amiguinho não bom, porque seu dente pode cair; a criança que bate em seu amigo pode perder credibilidade e também pode ser malvista pelas mães das outras crianças. Nenhuma mãe irá deixar seu filho brincar com a criança que bate em seus amiguinhos.

Ao amanhecer, os pais também educam seus filhos repentinamente, dizendo: “_acorda filho, você não pode bater, morder seus amiguinhos, você não pode quebrar o brinquedo dos seus amiguinhos, você não deve mexer ou pegar as coisas dos seus amiguinhos sem a permissão, pois se não os pais dos seus amiguinhos vão brigar ou bater em você. Você não pode chorar quando vir as coisas ou comida dos seus amiguinhos. Você tem que ser bom para todos seus amiguinhos. Oferecer alimentos para seus amiguinhos, deixar seus amiguinhos brincarem com seus brinquedos”.

Quando a criança chora muito, os pais pingam erva ardente nos olhos, e se ela bate em seus amiguinhos ou chora muito, os pais raspam a pele com ranhadeira feita com dente de peixe cachorra. Os pais vão educando seus filhos sucessivamente, ensinando-os a não fazer coisa indevida.

Essa educação para criança é apenas o início da educação para um indivíduo Ikpeng, pois veremos a seguir a educação para a criança que passa para a adolescência e também do jovem que fica em resguardo.

4.2.11 Educação para pomeri (pomeri se refere a um menino tatuado)

Quando a criança completa nove ou dez anos de idade já fica pronta para ser tatuada. Uma vez tatuada, ela passa a ser respeitada pelos pais, e antes de passar por esse processo, a criança é avisada e incentivada.

Para o povo Ikpeng, a tatuagem no rosto é uma identidade, por isso todas as crianças passam pelo mesmo processo. Incentivar a criança a tatuar não é apenas para mostrar que é um cidadão Ikpeng, mas sim, prepará-la para algo muito maior do que ser Ikpeng, é ser um guerreiro resistente e sábio. Ao ouvir o conselho dos pais ou dos avós, a criança fica motivada. Quando ela é tatuada, os pais a educam como se fossem educar o jovem adulto.

Durante o tempo que eles ficam, aprendem muitas coisas, como lidar com as pessoas, como manejar os recursos, como caçar e pescar e ser responsabilizar pela busca de alimentos para sua família na ausência do seu pai, representar sua família na ausência e começa a orientar seus irmãos pequenos para não desrespeitar as pessoas mais velhas da aldeia, aprender oferecer comidas para o próximo ou parentes de longe, saber cumprimentar as pessoas que chegam a sua casa. (TAFFAREL, 2010, p. 86).

Talvez surja uma dúvida: por que educar a criança tatuada? A educação da criança não é contínua? Educar uma criança tatuada é para honrar os espíritos dos recursos naturais usados para tatuar a criança. Por isso, a criança tatuada precisa ser bem cuidada se não o espírito da natureza fará mal a ela.

Quando o menino sai da fase do pomeri, ele forma um grupo da juventude, e o mais sábio e esperto passa a liderar o grupo para trabalhar nas atividades comunitárias. Os pais continuam a educá-lo para que não faça algo errado na sua vida de adolescente.

4.2.12 Educação escolar Ikpeng

Atualmente, depois do contato com o homem branco, a vinda das tecnologias e a introdução da educação escolar sistematizada, a educação de ensino próprio tem sido enfraquecida em virtude desses fatores. Isso porque os pais queriam que seus filhos aprendessem a falar, ler e escrever em língua dominante (português), pois os filhos já sabiam falar sua língua nativa.

Inicialmente, quando a escola foi estabelecida, os professores Ikpeng lecionavam e alfabetizavam as crianças em sua língua materna, mesmo não tendo materiais específicos. No entanto, os pais das crianças reclamavam e argumentavam que eles queriam que seus filhos aprendessem português para que, futuramente, quando crescessem, pudessem brigar e defender seu território, cultura e direitos conquistados. Então os professores começaram a alfabetizar as crianças em português.

No contexto de processo próprio de ensino, os pais deixaram seus filhos por conta dos professores, para ensinar ler e escrever e educar simultaneamente. Então, supostamente, as crianças não conseguiram mais adquirir o conhecimento de seus antepassados, e começaram a falar mais a língua portuguesa; os pais começaram a adquirir tecnologias para seus filhos.

As pessoas mais idosas e os pais começaram a se preocupar, pois no dia a dia, as crianças falam mais a língua portuguesa e falam mal sua língua materna. A preocupação tem sido maior ainda em relação à evolução e ao aumento da tecnologia na aldeia, pois as crianças não acompanham mais seus pais nas atividades familiares e comunitárias. Elas ficam mais ocupadas com as tecnologias, como o celular.

Ao anoitecer e ao amanhecer, os anciões e sábios não conseguem educar e aconselhar as crianças e os jovens, pois quando anoitece, as famílias que possuem gerador ou painel solar, que possuem televisão, ligam esse equipamento e as crianças ficam assistindo televisão ou ficam jogando no celular.

A partir da observação e reivindicação pelos pais, a escola começou a se organizar e construir a filosofia escolar no Projeto Político Pedagógico (PPP), na perspectiva de valorizar o conhecimento do povo Ikpeng, que deu início às conversas em meados de 2008, e ficou pronto em 2010. Então, dessa vez, a situação se reverteu, se anteriormente os pais queriam que seus filhos fossem alfabetizados e ensinados primeiramente em língua portuguesa, desta vez eles quiseram que seus filhos fossem alfabetizados na língua materna, aprenderem primeiramente sobre os conhecimentos

tradicionais do seu povo. Somente após isso é que deverá ser ensinada a língua portuguesa, para que a escola forme o aluno crítico e garanta o futuro do seu povo.

4.2.13 Elaboração do Projeto Político Pedagógico

Depois de muita conversa e reivindicação dos pais, a escola entrou em contato com a equipe do Instituto Socioambiental (ISA). Na época, o instituto trabalhava no projeto de formação dos professores indígenas do Xingu e também fazia acompanhamento pedagógico nas escolas.

O ISA disponibilizou, então, uma técnica em assuntos educacionais para ajudar na elaboração do Projeto Político Pedagógico, que ajudou a sistematizar o PPP do Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. Antes disso, houve muita reunião na comunidade interessada, e também foram realizadas entrevistas com pais e alunos para saber o que os filhos deveriam aprender. A partir disso, foi elaborado o documento no qual são descritas as perspectivas de educação Ikpeng.

Na atualidade, os membros, o corpo docente e a equipe foram mudadas, conforme os quadros a seguir:

Quadro 4 – Professores da Escola Indígena e sua formação

Professor	Graduação	Pós-graduação /Mestre
Korotowĩ Taffarel	Línguas Artes Literaturas	Ciências ambientais
Pomerquenpo Txicão	Ciências Sociais	Ensino Cont. Int. Cult.
Kawiago Txicão	Ciência da Natureza Mat.	Ensino Cont. Int. Cult.
Pitoga Txicão	Ciência da Natureza Mat.	Ensino Cont. Int. Cult.
Maiuí Meg Poanpo Txicão	Ciência da Natureza Mat.	Ciências ambientais
Pareayup Maté Ikpeng	Línguas Artes Literaturas	Ensino Línguas Int. Cult.
Yalau Waurá	Ciências Sociais	
Wawana Ikpeng	Ensino Médio	Ciências Sociais
Tawya Ikpeng	Ensino Médio	Ciência da Natureza Mat.
Payata j. Ikpeng	Ensino Médio	Línguas Artes Literaturas

Fonte: Mate Ikpeng (2023)

Quadro 5 - Professores que trabalham no 1º e 2º ciclo, que corresponde do 1º ao 5º ano do Ensino fundamental

Professor	Etapa	Carga horária	Período
Payata J. Ikpeng	1º ciclo	20 horas	Manhã
Wawana Ikpeng	1º ciclo	20 horas	Manhã
Tawya Ikpeng	1º ciclo	20 horas	Manhã
Yalau Waurá	1º ciclo	20 horas	Manhã
Pareayup M. Ik.	2º ciclo	20 horas	Manhã

Fonte: Mate Ikpeng (2023)

Quadro 6 - Professores que trabalham no 2º e 3º ciclo, que corresponde do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental

Professor	Etapa	Carga Horária	Período
Korotowĩ Taffarel	2º e 3º ciclo	08 horas	Manhã
Pitoga Txicão	2º e 3º ciclo	20 horas	Manhã
Iokore K. Ikpeng	2º e 3º ciclo	20 horas	Manhã
Kawiago Txicão	2º e 3º ciclo	17 horas	Manhã
Pareayup Ikpeng	3º ciclo	14 horas	Manhã
Yalau Waurá	3º ciclo	15 horas	Manhã
Matare C. Ikpeng	3º ciclo	19 horas	Manhã
Tawya Ikpeng	3º ciclo	05 horas	Manhã

Fonte: Mate Ikpeng (2023)

Quadro 7 - Professores que trabalham do 1º ao 3º ano do Ensino Médio

Professor	Ano	Carga horária	Período
Korotowĩ Taffarel	1º a 3º Ano Ens. M.	20 horas	Tarde
Pitoga Txicão	1º a 3º Ano Ens. M	04 horas	Tarde
Iokore K. Ikpeng	1º a 3º Ano Ens. M.	04 horas	Tarde
Kawiago Txicão	1º a 3º Ano Ens. M.	16 horas	Tarde
Pareayup M. Ik.	1º a 3º Ano Ens. M.	03 horas	Tarde
Matare C. Ikpeng	2º a 3º Ano Ens. M	03 horas	Tarde
Yalau Waurá	2º a 3º Ano Ens. M.	03 horas	Tarde
Tawya Ikpeng	1º a 3º Ano Ens. M.	05 horas	Tarde

Fonte: Mate Ikpeng (2023)

Quadro 8 - Diretoria

Funcionário	Função
Pomerquenpo Txicão	Diretor
Maiuá Meg Poanpo Txicão	Coordenador Pedagógico
Matare Clóvis Ikpeng	Presidente da Unidade Executora

Fonte: Mate Ikpeng (2023)

Quadro 9- Equipe de apoio da escola

Funcionário	Função
Assalu Waurá	Merendeiro
Kutxine Ikpeng	Merendeiro
Melobo Ikpeng	Faxineiro
Anapuatĩ Ikpeng	Faxineiro

Fonte: Mate Ikpeng (2023)

4.2.14 Início de ensino médio regular

O início da primeira turma do Ensino Médio regular, na Escola Estadual Ikpeng, ocorreu em 2015. A conclusão da mesma ocorreu em 2017, com 17 alunos e alunas formandos.

Já a conclusão da segunda turma, com entrada em 2017, ocorreu em 2022, quando 92 alunos e alunas concluíram seus estudos.

4.2.15 Desafios na escolarização das crianças Ikpeng

Depois de muito diálogo, a escola Ikpeng foi reconhecida e credenciada, assim como o professor e diretor Pomerquenpo informou: “A Escola Estadual Indígena Central Ikpeng foi criada em 22/06/1998, pelo Decreto Estadual nº 234, credenciada pelo ato nº 269/2010- CEEI/MT, publicada no D.O. 23/11/2010, p. 21 e autorizada pelo nº 580/2016, publicado no Diário Oficial do dia 17/11/2016, p. 11, para ofertar o Ensino Fundamental e Médio, Educação Indígena e Ensino Fundamental e Médio/ Educação de Jovens e Adultos”.

Já no contexto de alfabetização, a escola encontrou dificuldades porque surgiram esses fatores ao mesmo tempo, a saber: 1) os professores pioneiros, que possuíam treinamento pelos linguistas e tinham adquirido habilidade de alfabetizar as crianças em língua materna, não puderam mais lecionar para as turmas de alfabetização, porque alguns professores ficaram na administração e outros passaram a ministrar as disciplinas para turmas mais avançadas; 2) com a chegada da nova geração de professores, que não teve preparo metodológico de ensino na língua materna, os mesmos não conseguiram alfabetizar as crianças em língua materna por falta do domínio da língua, e também por falta de criatividade e habilidade em ministrar disciplinas nessa língua.

Outros fatores que impossibilitam a aprendizagem dos alunos na língua nativa são: as crianças, desde pequenas, falam português e manuseiam o celular frequentemente; a escola Ikpeng carece de material didático específico em língua materna. Tudo isso dificulta o professor alfabetizador na alfabetização das crianças na língua materna. Por esse motivo, nesta investigação, organizou-se um material pedagógico de alfabetização na língua Ikpeng.

Em relação ao ensino, as coisas ficaram mais difíceis ainda em virtude da nova modalidade de ensino que chegou depois da implantação do Ensino Médio regular, pois anteriormente os professores trabalhavam como unidocentes, sem se preocuparem com os horários e disciplinas. Cada disciplina era trabalhada por uma semana, assim era explorado o tema e os professores acompanhavam o desempenho dos alunos.

Atualmente a modalidade de ensino mudou. No início os professores sentiram as dificuldades de ministrar as disciplinas, pois as flexibilidades dos horários e das disciplinas fez com que os professores ficassem confusos. Mas, os poucos, eles se adaptaram à nova era de modalidade do ensino. Para trabalhar com o ensino Médio, cada professor atua na área de sua formação e horários limitados; para trabalhar com turmas de 6º a 9º, também há a mesma modalidade; apenas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental é que há unidocentes, que trabalham globalmente.

Os pais ainda almejam que os filhos aprendam ambos os conhecimentos ao mesmo tempo, ou seja, que primeiramente aprendam o modo de ser e de viver Ikpeng; depois, adquiram conhecimento ocidental, assim como ressaltado no PPP. Isso também foi percebido durante a pesquisa e a observação, ou seja, os pais querem que seus filhos terminem o ensino médio na aldeia para depois cursarem o ensino superior na área que o povo precisa, porém, muitos alunos saem, mas sem condição financeira, dificultando, assim, a saída de alunos para a cidade.

4.2.16 Soluções adotadas para o ensino e a aprendizagem dos alunos Ikpeng

Ao longo da década de 2008, a gestão escolar pensou em uma modalidade de ensino, desde quando o Projeto Político Pedagógico foi construído. Apesar de os pais pedirem para alfabetizar seus filhos na sua língua, ficou decidido que os alunos seriam alfabetizados simultaneamente em ambas as línguas.

Por incrível que pareça, os alunos fazem projeto de pesquisa para saber, conhecer ou aprender conhecimentos do seu povo. Então, o aluno pesquisa, sistematiza e depois aprende a fazer ou confeccionar o objeto pesquisado. Na véspera da sua formatura, o aluno defende o seu trabalho diante dos sábios, seus pais e da comunidade.

Mesmo com a solução encontrada, os professores, juntamente à gestão escolar, precisam trabalhar muito para melhorar a aprendizagem dos alunos para que, de fato, não se perca o conhecimento milenar do seu povo. Portanto, a possibilidade de manter a língua ou cultura do seu povo vivo é construir material didático específico em língua materna.

A escola Ikpeng fez uma parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso de Sinop, por meio do projeto Trocas de Saberes Ikpeng – UFMT. Trata-se de um projeto de extensão cujo intuito é formar alunos em técnicos em Agroecologia (projeto já finalizado). Para minimizar a saída dos alunos, também veio para a aldeia uma instituição privada, o centro de formação UNICEB (CEIBTEC), que oferta cursos de Administração, Pedagogia e Técnico em Enfermagem, com a mensalidade de R\$ 300,00.

4.2.17 Breve história da escolarização na Terra Indígena Xingu

A história de escolarização dos indígenas do Território Indígena do Xingu (TIX) é diferente da história da escolarização dos povos indígenas do Brasil, como veremos a seguir, no relatório da Camila Gauditano, no livro da professora Maria Cristina Troncarelli, que teve sua trajetória na educação escolar indígena na TIX, entre 1984 e 1988, através da FUNAI, quando atuou em 1993.

De acordo com Camila Gauditano (2021), o projeto de formação dos professores indígenas do Xingu, promovido pelo Programa Xingu, do Instituto Socioambiental (ISA), teve início em 1994, sendo um marco histórico na Terra Indígena do Xingu. A formação intercultural de 48 professores indígenas de 16 povos da TIX, incluindo um povo do grupo Panará, foi uma iniciativa pioneira e também a principal experiência para formação dos professores indígenas. Diz a pesquisadora:

O processo de escolarização no Território Indígena do Xingu, diferentemente de outras terras indígenas no Brasil, não se deu exclusivamente através das investidas missionárias para a catequização dos povos originários. No caso do TIX, a escrita da maior parte das línguas indígenas foi criada durante o curso Urucum, Pedra Brilhante por professores indígenas com a assessoria de linguistas, com exceção das línguas Wauja e Kawaiwete, pois missionários deslocavam informantes destes povos para cidades do entorno do TIX para traduzir a bíblia em suas línguas. Mesmo estes dois povos fizeram algumas alterações na escrita e a utilizam na produção de textos diversos. (GAUDITANO, 2021, p. 17)

Antes disso, durante a gestão administrativa dos Irmãos Villas Boas, desde a criação do Parque Indígena do Xingu, na década de 1960 até meados de 1970, o contato com a sociedade envolvente foi restrito, mas inevitável. A aproximação da instituição escolar foi a pedido das lideranças do Xingu na época, pela necessidade de aprender a língua portuguesa, de entender o sistema monetário e também defender seu território.

Nessa época, antes de reinvidicação das lideranças, havia alguns jovens como Aritana Yawalapiti, Pirakuma Yawalapiti, Megaron Txukarramãe e Mairawe Kaiabi como cobaias. Essas pessoas foram ensinadas pelos irmãos Villas Boas a falar, ler e escrever em língua portuguesa, com o intuito de facilitar a comunicação entre os povos.

Na década de 1980, a intensificação da sociedade envolvente na Terra Indígena Xingu foi ficando mais preocupante. O povo começou a pensar em criar a própria organização, que alguns membros do grupo indígena passaram a participar da gestão da TIX. A autora assim explica:

Mas é na década de 1990 que o projeto Urucum, Pedra Brilhante é escrito a muitas mãos, com a condução pioneira da antropóloga Carmen Junqueira, fazendo jus à visão de lideranças e comunidades xinguanas sobre a importância da formação intercultural de professores indígenas. A partir de então, se apontam e estabelecem, inevitavelmente, diferentes pontos de vista em torno das consequências decorrentes de uma situação inédita de formação de professores indígenas no contexto xinguano. É fato que, lideranças de todos os povos do Xingu e suas comunidades, se uniram e contribuíram na formação intercultural de professores indígenas no Xingu como um propósito político em comum, sem deixar de pautar questões sobre seus desafios e riscos. Por um lado, a oportunidade de crianças e jovens se manterem no convívio das famílias em suas aldeias, em seu território, sem deixar de entrar em contato com o conhecimento das diferentes linguagens não-indígenas (especialmente artísticas e socioambientais), a oportunidade de aperfeiçoarem a fluência em português, assim como criar a escrita das línguas indígenas para garantir estruturas de pensamentos e cosmovisões, foram reconhecidas como importantes iniciativas. Por outro lado, os receios da substituição da oralidade pela escrita, da substituição dos trabalhos práticos na aldeia e na roça, pelo papel e pela

caneta, dos conflitos históricos e interétnicos virem à tona, dos mais jovens suporem que sabem mais que os mais velhos, entre outras, foram questões levantadas, discutidas e encaradas de frente coletivamente ao longo de todo o processo de formação. (GAUDITANO, 2021, p. 20).

Quando o Projeto Pedra Brilhante para formação dos professores indígenas do Xingu teve início em 1994, a maioria dos professores que estavam cursando magistério não sabiam ler nem escrever em língua portuguesa, tampouco em sua língua materna. O projeto, que tinha tempo de cinco anos para terminar, prorrogou-se por mais cinco anos, pois nos primeiros anos de formação, o projeto trabalhou a alfabetização, mas alguns já sabiam ler e escrever, e formaram em tempo hábil; outros continuaram na formação.

Durante o curso de magistério e escolarização dos professores, o projeto de formação produziu muitos materiais paradidáticos em língua portuguesa e alguns em língua materna. Quando os professores retornavam para a aldeia, trabalhavam em escola provisória, até mesmo na própria casa ou na do cacique. Mesmo com tanta dificuldade de ministrar aulas e de ter lugar adequado para trabalhar ou de ter materiais para dar suporte, os alunos aprenderam a ler e a escrever, e também a falar na língua portuguesa. As crianças começaram a valorizar mais a língua ocidental e mudar a sua estética, pintar e cortar o cabelo.

Ao longo do ano de 2000, algumas lideranças e caciques do Alto Xingu perceberam a mudança radical na postura e na aprendizagem dos alunos e conotaram a educação como veneno⁹, pois a saída constante dos jovens era grande e eles começaram a não mais praticar a tradição do seu povo. Esse comportamento dos jovens deixou as lideranças e caciques do alto Xingu preocupadas.

Posteriormente, as lideranças e os caciques do Médio, Baixo e Leste Xingu continuaram firmes na escolarização dos seus filhos, pois acreditavam que futuramente seus filhos se tornariam guardiões do seu povo e do seu território.

Ao longo dos anos, o projeto Pedra Brilhante¹⁰ teve seu fim. Muitos professores não concluíram sua formação em nível de magistério, e como resultado da manifestação dos povos indígenas do Mato Grosso surgiu o Projeto Haiyô, para continuar a formação dos professores em nível de magistério. Em 2005, deu-se início à formação, terminando em 2010. Todos os professores saíram com sua formação em nível médio com magistério.

⁹ A educação ocidental foi comparada a um veneno, pois o veneno mata quando ingerimos, e educação ocidental também mata a cultura e educação indígena, se descuidar.

¹⁰ Pedra brilhante é um urucum, e quando é comparado a um diamante, urucum brilha como um diamante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo apresentar a Educação Ikpeng e a elaboração de um material pedagógico de alfabetização, pois a falta de material específico de alfabetização na escola em língua materna do povo Ikpeng é recorrente. E para direcionar este trabalho e alcançar o objetivo, foram utilizadas entrevistas e observação participante.

Foram definidos três objetivos específicos, a saber: **1º apresentar o povo Ikpeng em relação aos aspectos sociais e culturais.** Como resultado do trabalho, foram detectadas mudanças radicais no modo de viver, de ser, de educar e de se organizar socialmente. Todas essas mudanças ocorreram em virtude de contato com os não indígenas, e também de casamentos entre etnias; **2º mostrar a preservação de traços da língua falada pelos mais antigos do povo que vêm sendo abolidos pelos mais jovens,** como mostra no quadro da descrição da língua falada pelos mais velhos e pelos mais jovens e também Distinguiu-se, como resultado, que o principal fator para mudança de língua materna começou a partir da introdução da língua portuguesa e do casamento com outras etnias, além da entrada constante da tecnologia para seu meio. Esses fizeram com que a língua Ikpeng sofresse uma mudança radical, pois, no seu dia a dia, as juventudes falam mais a língua portuguesa e deixam de falar sua língua materna, ou quando um jovem fala, o dialeto muda. As vezes misturam a língua portuguesa com língua materna ao dialogar entre falantes. Compreendeu-se também que a cultura e a língua nunca são estáticas ou paradas, mas sim, dinâmicas, por isso houve mudanças na organização social, cultural e mudança na língua do povo Ikpeng; **3º Elaborar um material didático para alfabetização de crianças na língua materna Ikpeng.** Para a construção desse material, foi necessária a ajuda dos professores, do diretor e dos alunos (para ilustrar e/ou fazer figuras para colocar nas atividades).

O material pedagógico da dissertação é de extrema importância para o meu povo e para a escola, pois ele pode servir de apoio pedagógico e também de exemplo para outros povos. Eu me esforcei muito para elaborar este trabalho, mas não consegui alcançar tudo aquilo que eu queria fazer, pois, por trás da educação Ikpeng, existem as especificidades ou particularidades que o indivíduo precisa saber e aprender. Segredos só se aprendem na convivência durante a vida. Eu acredito que este trabalho precisar melhorar muito, portanto, as gerações futuras podem melhorar e aprofundar mais este tema.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

MELIÀ, Bartolomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

PACHÊCO, F. **Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – instituto de Ensino da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SOUZA. M.F. **DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIAS E CULTURA: ANÁLISE DOS TCC DA FACULDADE INDÍGENA INTERCULTURAL – UNEMAT**. Dissertação de Mestrado. UNEMAT, 2020.

<https://pt.scribd.com/document/403265606/slidx-tips-ritual-da-tatuagem-educaao-ambiental-e-pratica-cultural-entre-os-ikpeng-korotowi-taffarel-pdf>

https://tantatinta.com.br/wp-content/uploads/2021/12/UrucumPedraBrilhante_MariaCristinaTroncarelli_420p_2021b.pdf

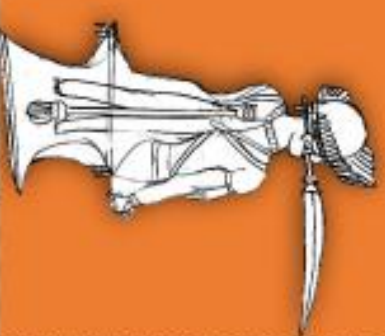


MARANGMOTXINGMO OREMPANPOT

MİRA ENPATOWO WOK

A-E-G-I-K-M-

A-E-I-İ-O-U





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



PAREAYUP MATE IKPENG

PRODUTO PEDAGÓGICO

LIVRO DE ALFABETIZAÇÃO NA LÍNGUA IKPENG

Barra do Bugres – MT
2023

PAREAYUP MATE IKPENG

LIVRO DE ALFABETIZAÇÃO NA LÍNGUA IKPENG

Produto pedagógico apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI - Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus de Barra do Bugres como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Landin Negreiros

Linha de Pesquisa: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Barra do Bugres – MT

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Ikpeng, Pareayup Mate.

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO POVO IKPENG: SABERES E PRÁTICAS
DA CULTURA TRADICIONAL / Pareayup Mate Ikpeng. - Cáceres, 2024.
126f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII
- Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário
De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Cláudia Landin Negreiros.

1. Povo Ikpeng. 2. Educação Escolar Indígena. 3. Alfabetização.
Ensino de Língua Materna. I. Negreiros, Cláudia Landin. II.
Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 37 (=081)

O produto pedagógico é uma produção obrigatória do mestrado profissional, do Programa de Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII - UNEMAT) e foi elaborado com base na história das lutas do povo Ikpeng, especificamente na área de linguagem, com foco na alfabetização. O povo Ikpeng precisava de um material específico em alfabetização na língua materna para dar continuidade à cultura, bem como revitalizar partes de alguns aspectos culturais que vêm sendo esquecidos.

MARANGMOTXINGMO OREMPANPOT IKPENG MĪRAN ENPATOWOWOK

PAREAYU MATE IKPENG



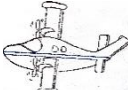
PAVURU-MT

2023

MİRA ENPATOWO

A E G İ K L M N O P R T U T X W Y



A	E	I	İ	O	U
					

G	K	L	M
N	P	R	T
TX	W	Y	

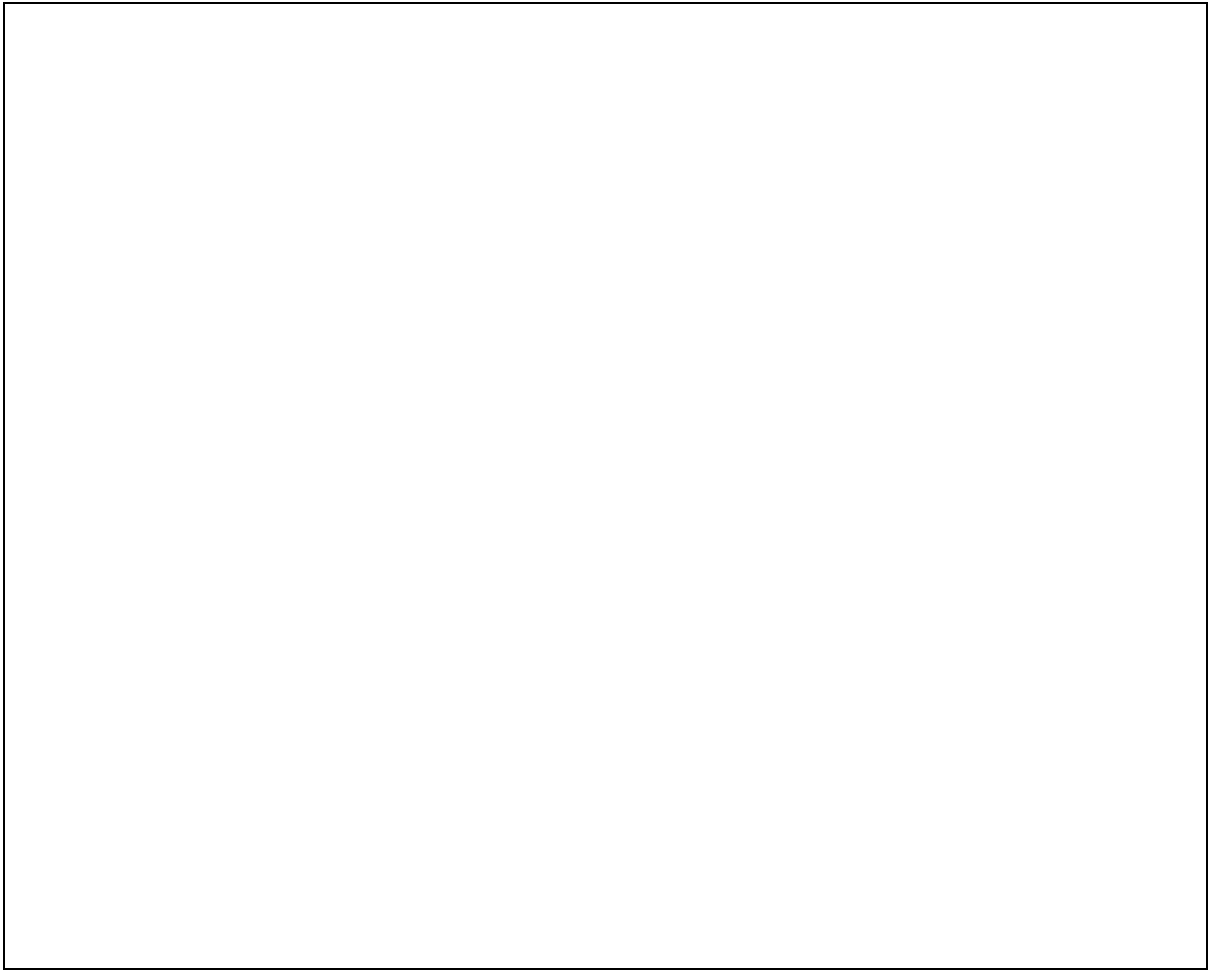
Aa	Ee	Gg	Ii	Ïï	Kk	Ll	Mm	
Nn	Oo	Pp	Qq	Rr	Tt	TX	Ww	Yy

ENPATKO OERET

ENPATKO UNGME ERET

ENPATKO UKTE ERET

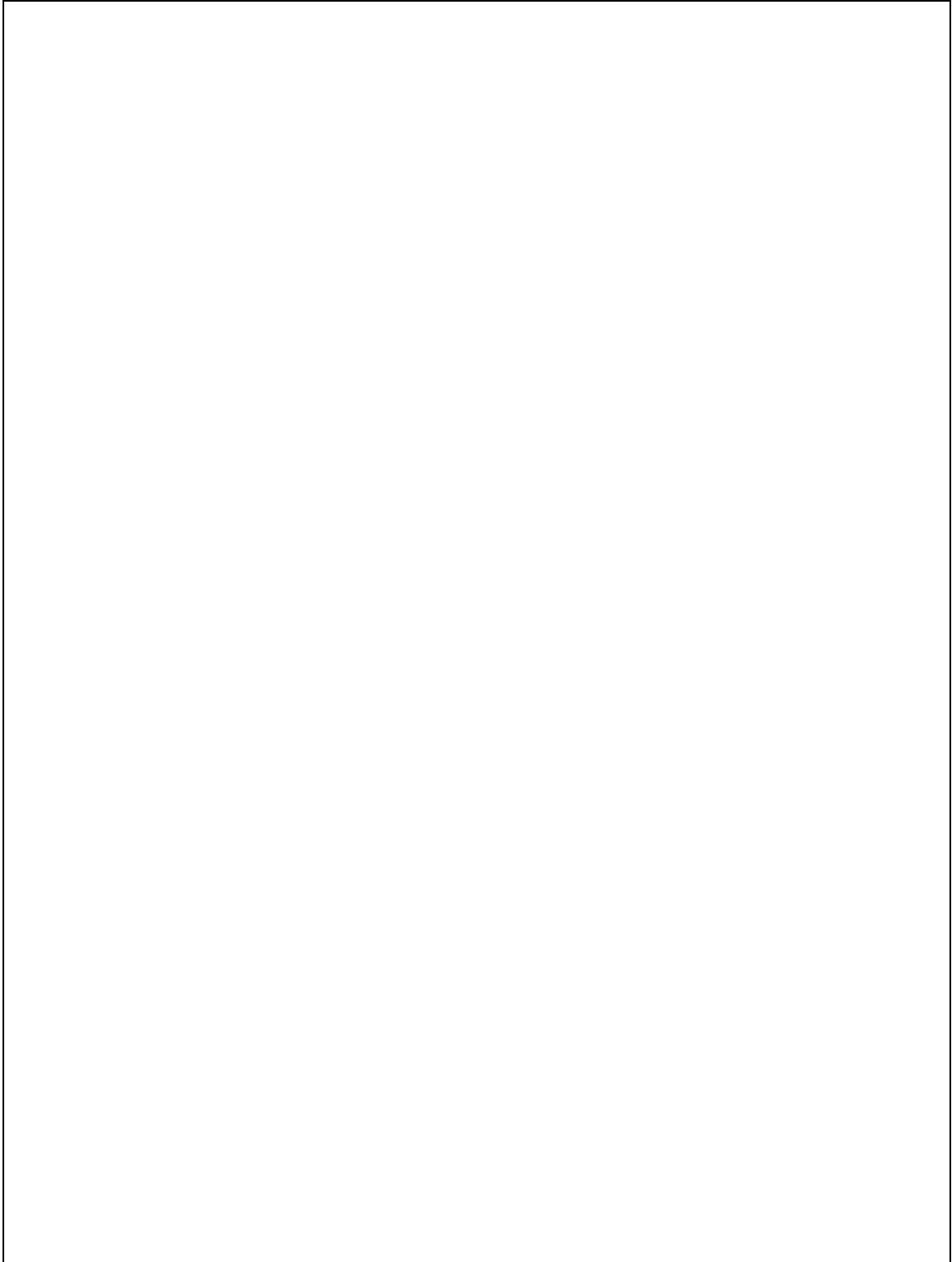
YUKUK OEWRI PUTIK KENI WARAP



YUKUK UNGME, UKTE KENI



YUKUK MOREMPANPOT



IRİKEK MİRA ENPATOWO

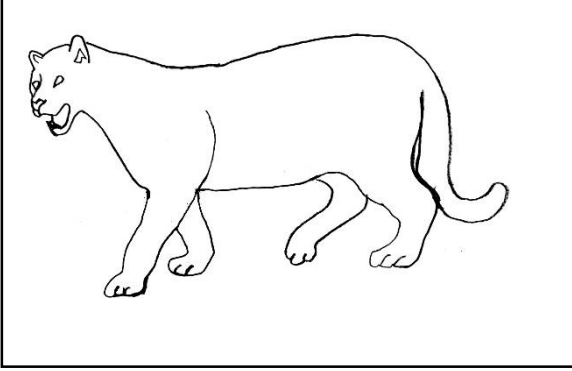
A E G I İ K L

M N O P R

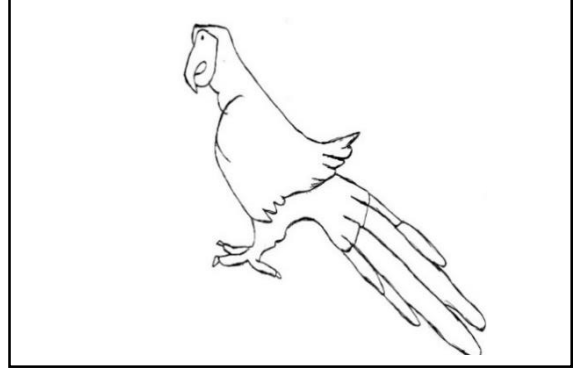
T U TX W Y

IRİKEK NEYAM

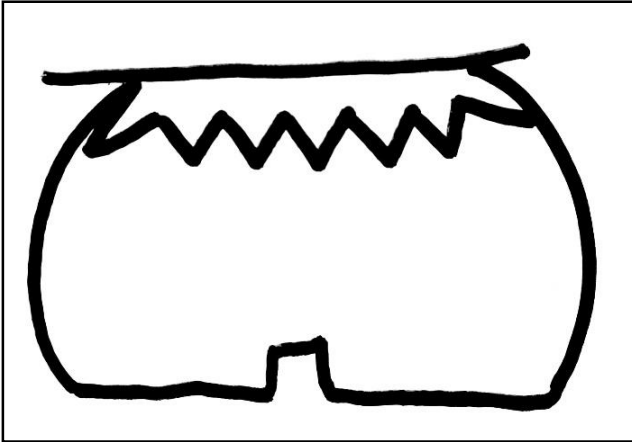
AKARI



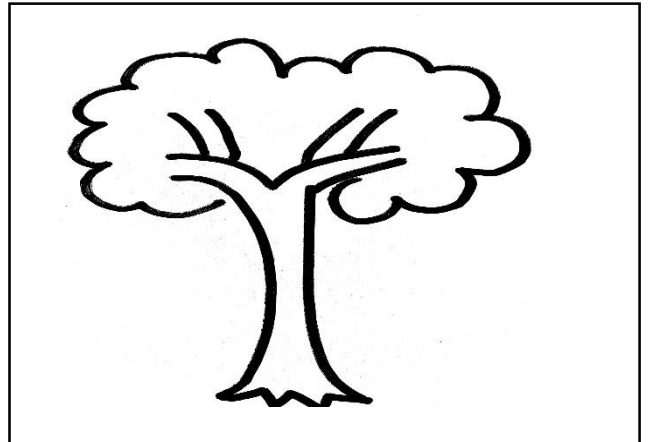
KARA



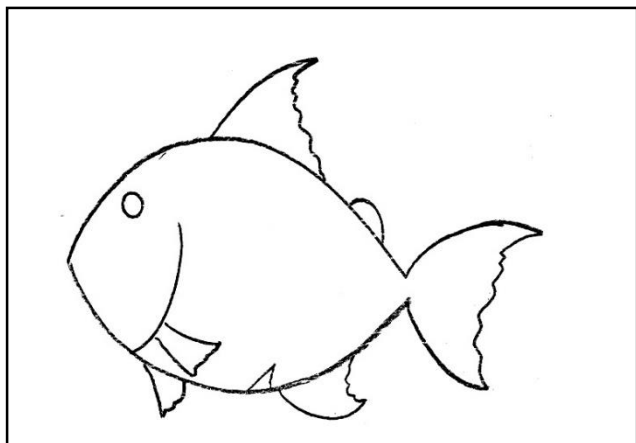
OWRO



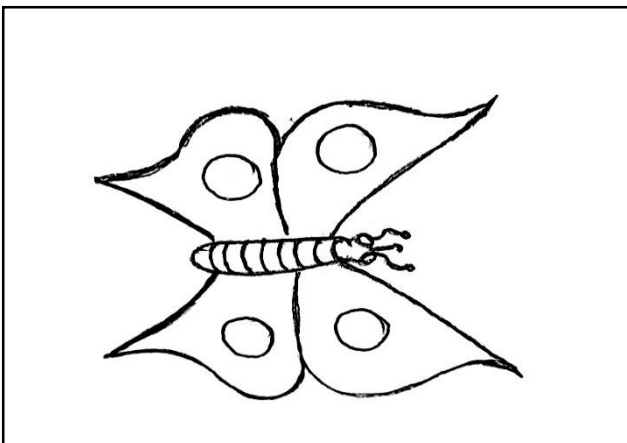
YAY



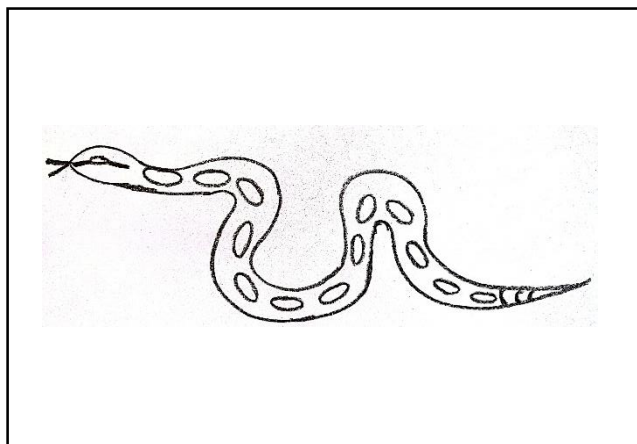
POLEPA



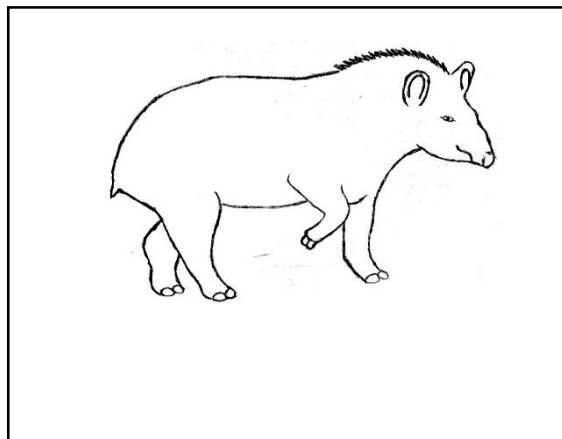
PARAPI



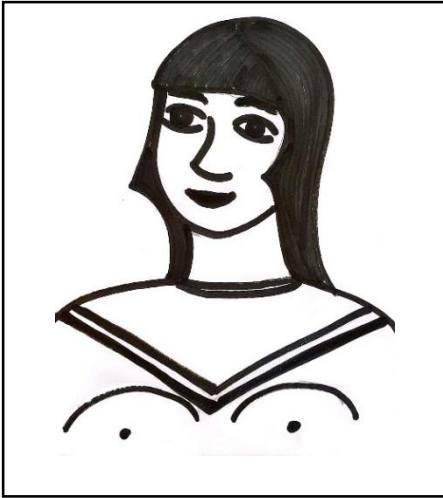
OGURO



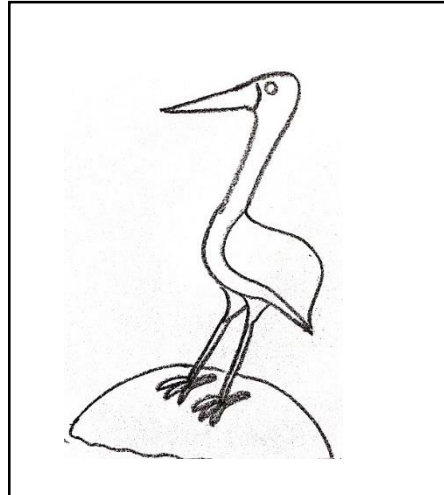
OTOMO



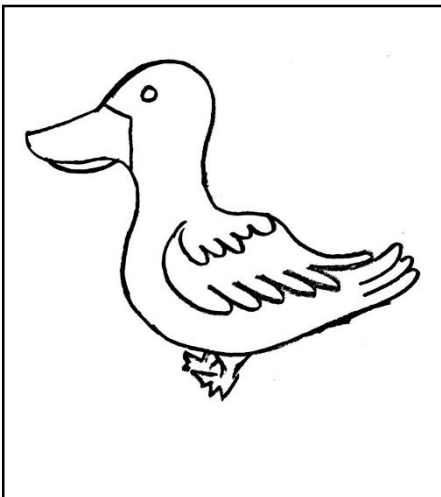
PETKOM



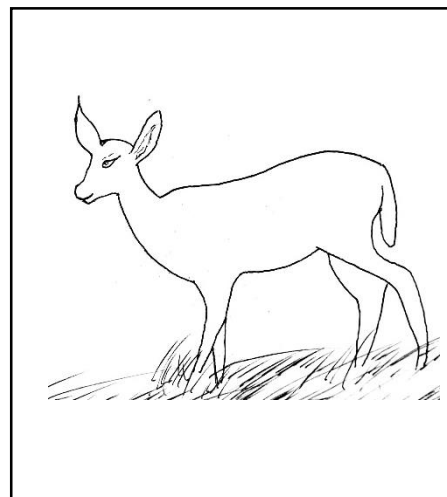
PAKUPA



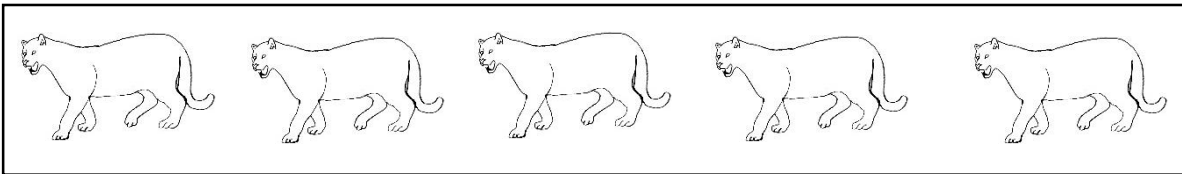
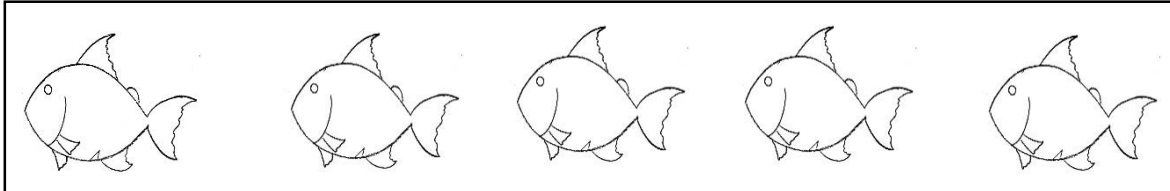
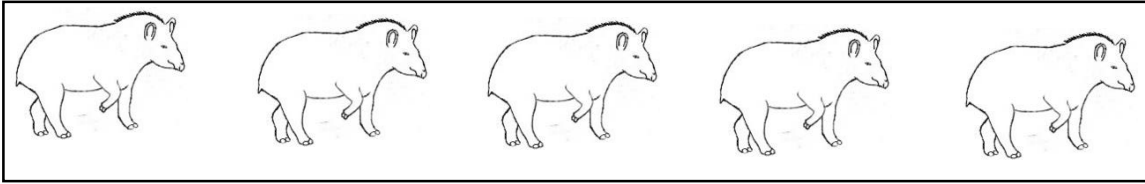
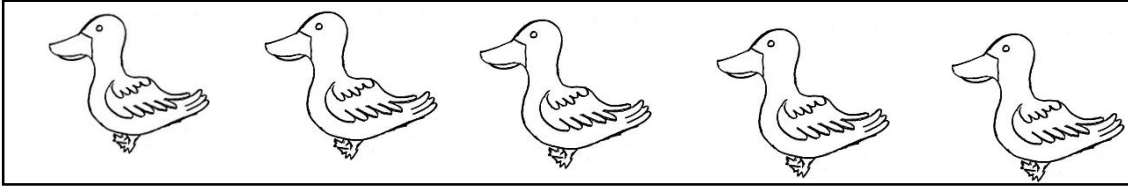
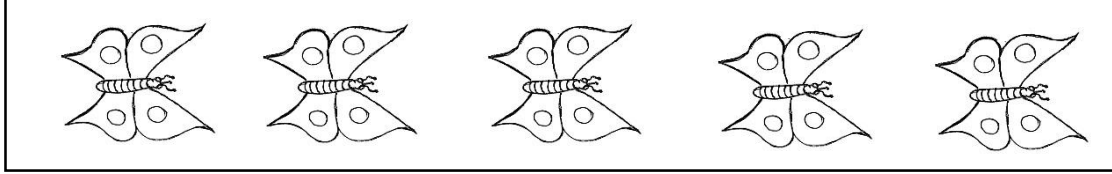
ROWINTO



KUREMAT



IRİKEK NEYAM



KARA



YAY WOK OREN KARA

İROYMİ ENEGLİ KARA

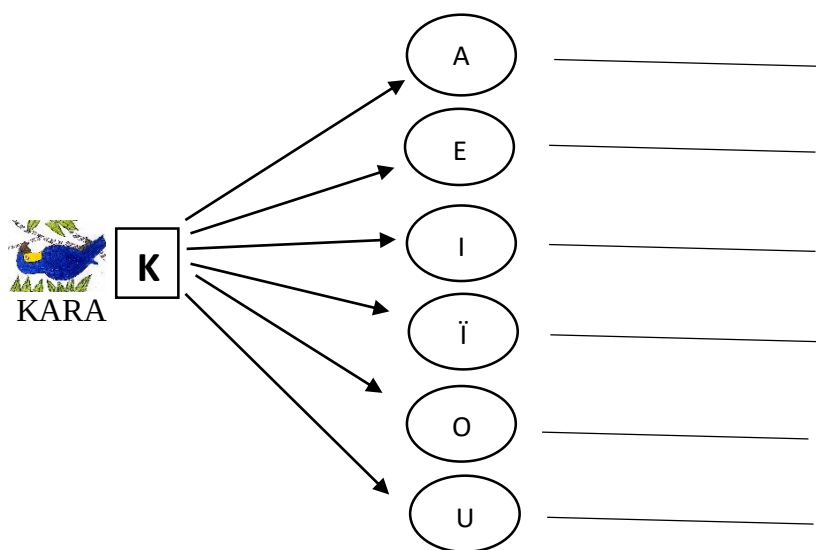
İROYMİ TWOLİ KARA

KA-KE-KI- Kİ-KO-KU

A-E-I-İ-O-U

Maningo

Enpatko mīra iwoloketpot



Enpatko mīra, mīra iwoloketpotke

KA – KE – KI – KĪ – KO – KU

Iwolokek mïra

KARA



KA_____

_____RA

AKARI



A_____

_____RI

PAKUPA



PA_____PA

_____KU_____

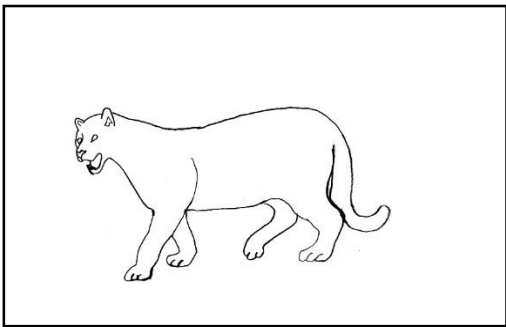
PETKOM



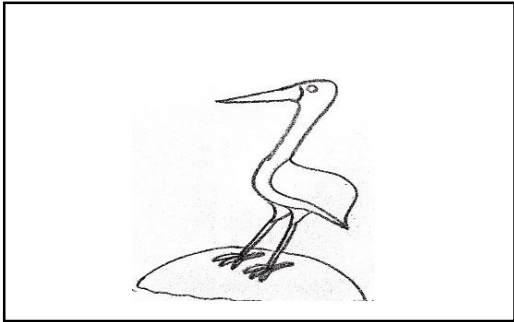
PET_____

_____KOM

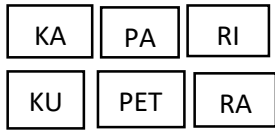
Irïkek mïra iwoloketpot, kerup menpatxan.



KO	A	PET
KA	PA	RI



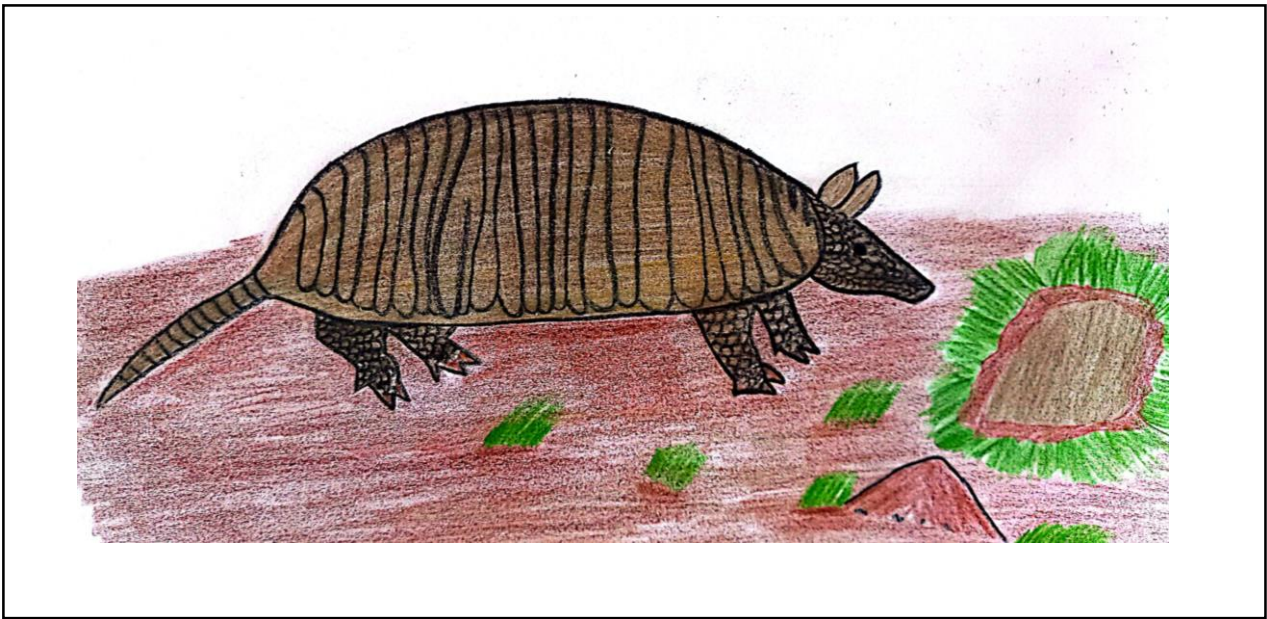
KA	PET	PA
KU	PA	KO



RRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRRR

k k k k k k k k k k k k k k k k

MALULA



İRAMRU ENENGLİ MALULA

İRUNINGKİN ERENMİLİ MALULA.

MA – ME – MI – MO – UM

A – E – I – İ - O – U

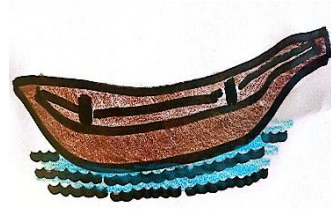
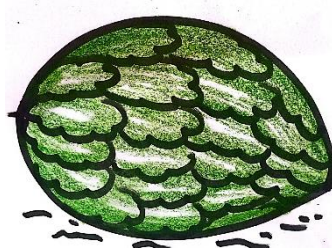
Maningo

1. Eneng mİra, kerup putereng mİget man **M** wok.

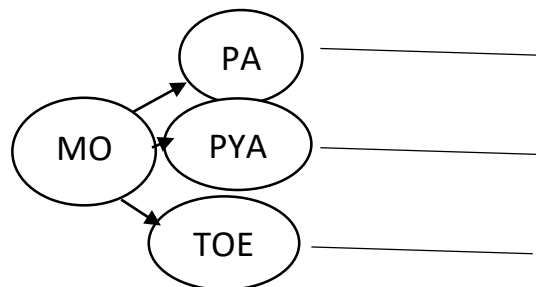
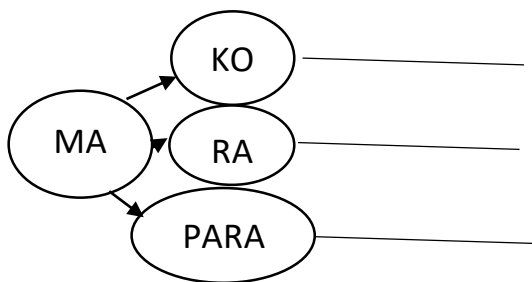
MAKO MEGU MİRİTKO MEKO

MAPARA MUY MOPA MIMET

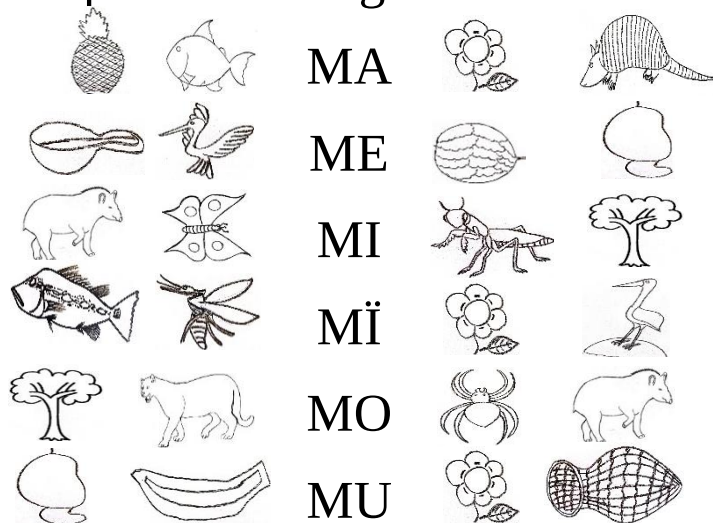
2. Enpatko neyam eret



Iwolokek mīra enpatowo, kerup menpatxan mīra

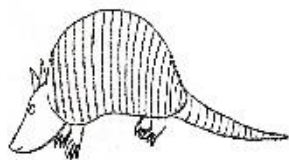


Irikek mīra enpatowo keni ge torerem



Iwolokek mīra, mīra iwoloketpot ke, kerup
mirampot man:

MA-ME-MI-MĪ-MO-MU



	LU	LA
--	----	----



	GU
--	----



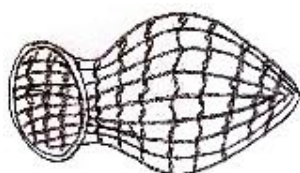
	MET
--	-----



	RĪT	KO
--	-----	----

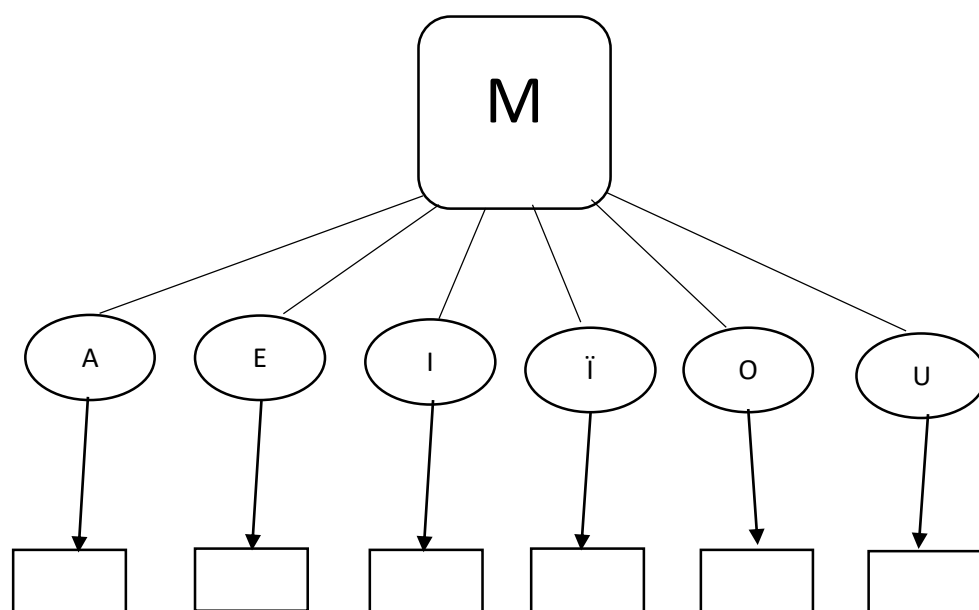


	YOT
--	-----



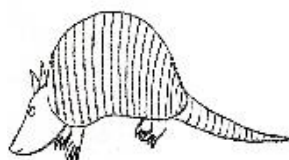
	RU	TU
--	----	----

Enpatko mïra iwoloketpot



Mïra iwoloketpotke iwolokek mïra

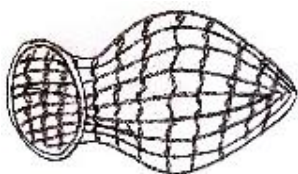
MA-ME-MI-MÏ-MO-MU



___LULA



___PARA



___RUTU

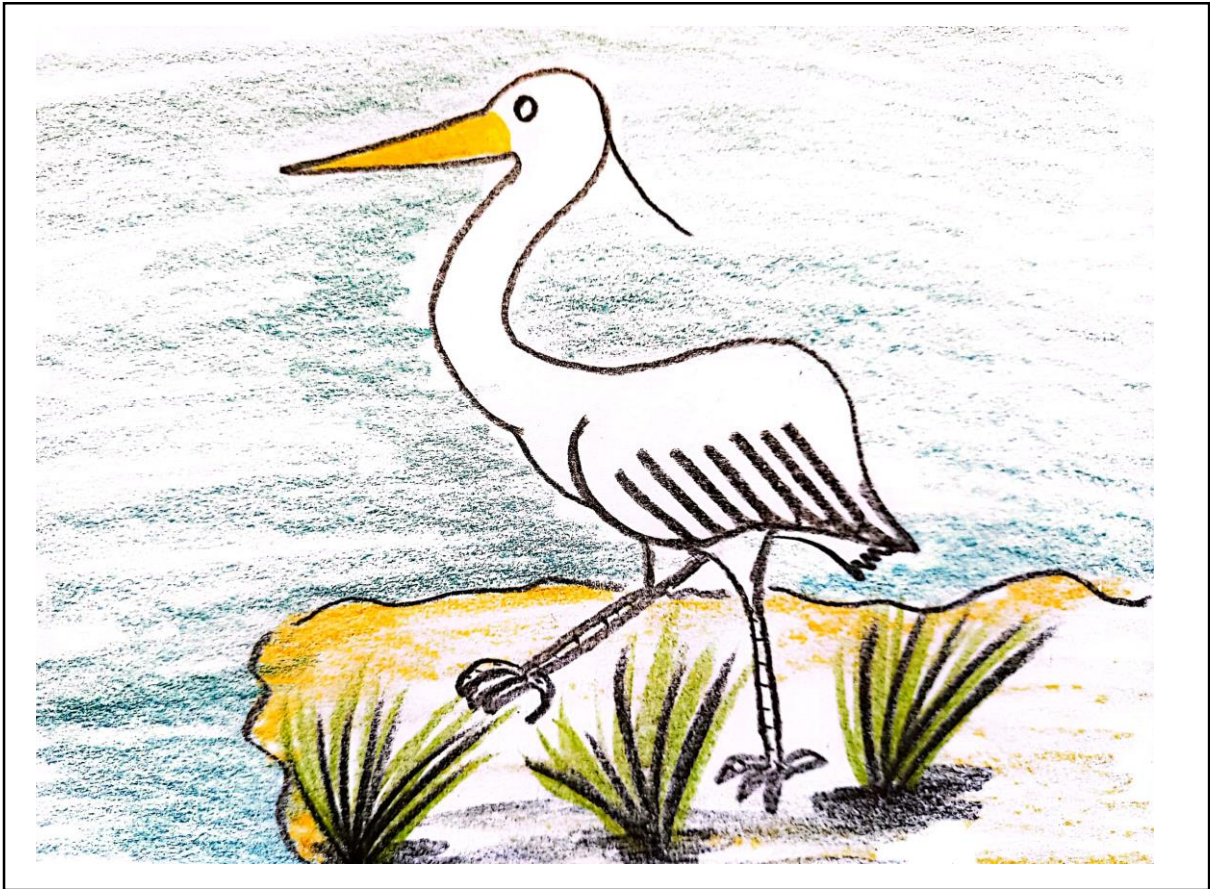


___RÏTKO

m/m/m/m/m/m/m/m/m/m/m



PAKUPA



PAKUPA OREN GA ELANPOK

WOT KE TĪMTAGRING OREN PAKUPA

YAY WOK TAMTXI PAKUPA TĪWĪMKWAN

PA – PE – PI – PĪ – PO – PU

A – E – I – Ī – O – U

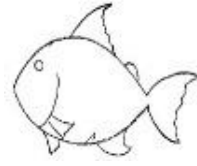
Mamingo

Iwolokek mīra **P** ge.

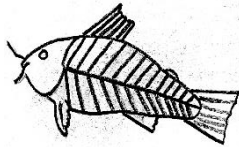
PAKURA
__AKURA



POLEPA
__OLEPA



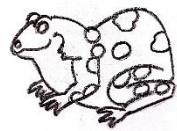
PUKO
__UKO



MAPARA
MA__ARA



PURON
__URON



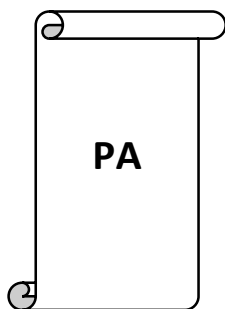
PİROM
__İROM



PUTERENG KO **P** WOK, MİRA WOK.

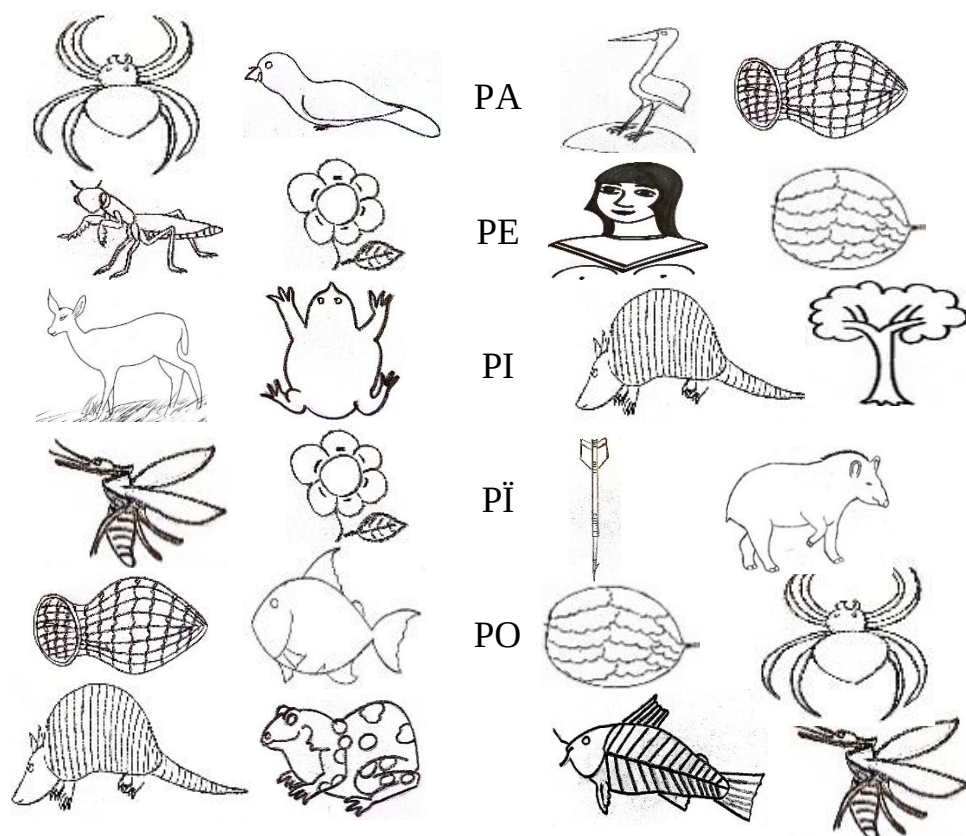
PURUMU MAPARA PİTXA PALAKENI TENPANO

IWOLOKEK KERUP MENPATXAN



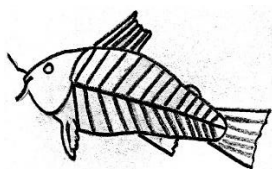
KU	RA	
LA	KE	NI
RA	PI	

IRİKEK MİRA IWOLOKETPOTKE KENI GE TOREREM

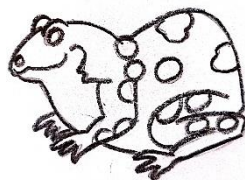


ENPATKO TUKUREM ERET

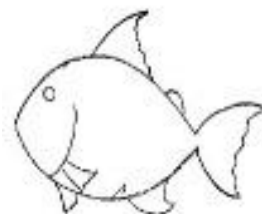




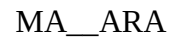








P GE IWOLOKEK MİRA



P P P P P P P P P P P P P P P P P

A A A A A A A A A A A A A A

A line drawing of a bird, possibly a penguin or a similar seabird, standing on a small, rounded mound. The bird has a long, straight beak, a small eye, and a large, flat, wing-like structure extending from its side. Its legs are short and thick, and it has small feet. The drawing is simple and stylized, with no shading or texture.

TAPAYA



IKĪLU WOK OREN TAPAYA

ĪNUT EGĪ OREN TAPAYA

KARAKE OREN MAN TAPAYA GANKAN

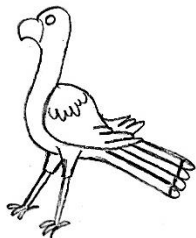
TA – TE – TI – TĪ – TO – TU

A – E – I – Ī – O – U

Mamingo

Mira iwoloketpotke iwolokek mīra. TA-TE-TI-TÏ-TO-TU

TÏGATO



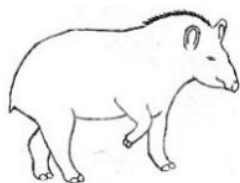
__GATO

TUGU



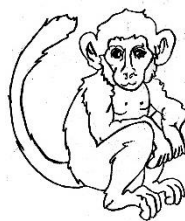
__GU

OTOMO



O__MO

TOPRUGO



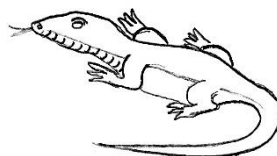
__PRUGO

TUYAY



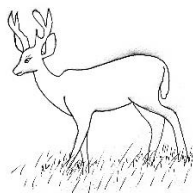
__YAY

TAWA



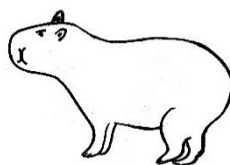
__WA

ATÏPO



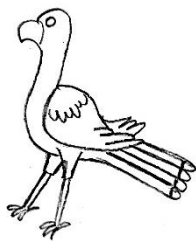
A__PO

TUNAN

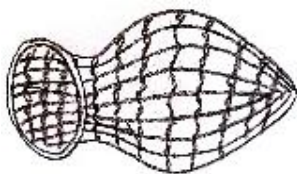


__NAN

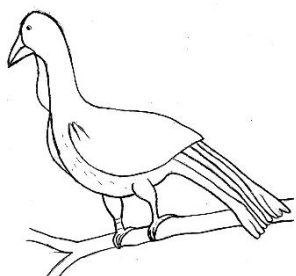
Irikek mïra iwoloketpot kerup menpatxan.



TÏ	RA	GA	KA	TO
----	----	----	----	----

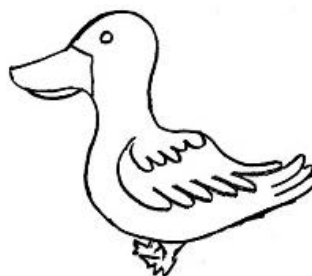
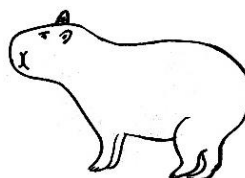
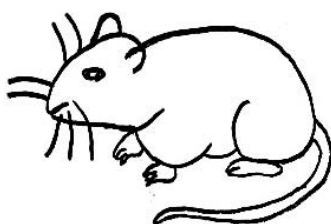
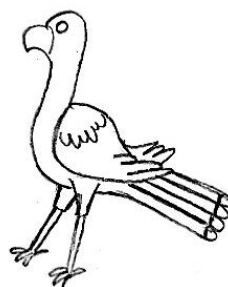
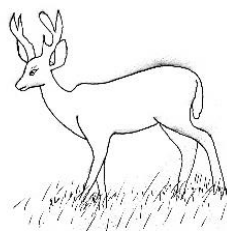
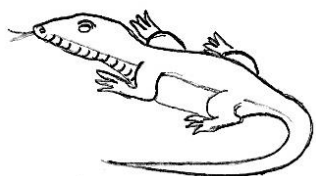


TO	MU	KA	RU	TU
----	----	----	----	----



TA	MU	PA	RU	YA
----	----	----	----	----

Enpatko eret



Eneng mïra kerup putereng mïget man **T** wok

ROWINTO

ATİPO

TAWA

TAPAYA

TİGATO

TUNAN

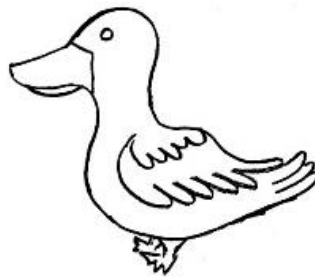
TUYAY

TUYA

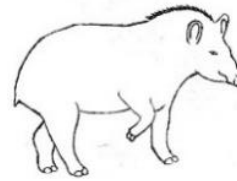
Iwolokek **T** ge mïra



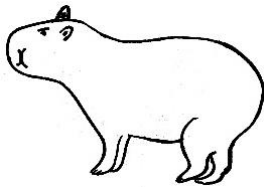
__UGU



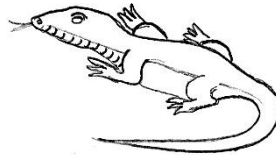
ROWIN__O



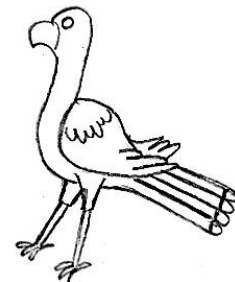
O__OMO



__UNAN



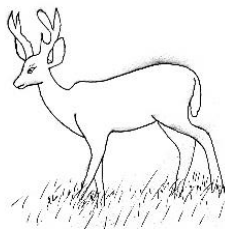
__AWA



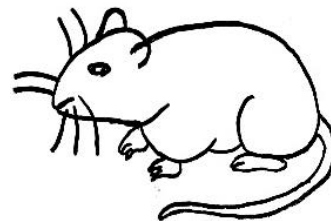
__İGA__O



__UYA



A__İPO



__UYAY

T T T T T T T T T T T

t t t t t t t t t t t t t t t

P P P P P P P P P P P P

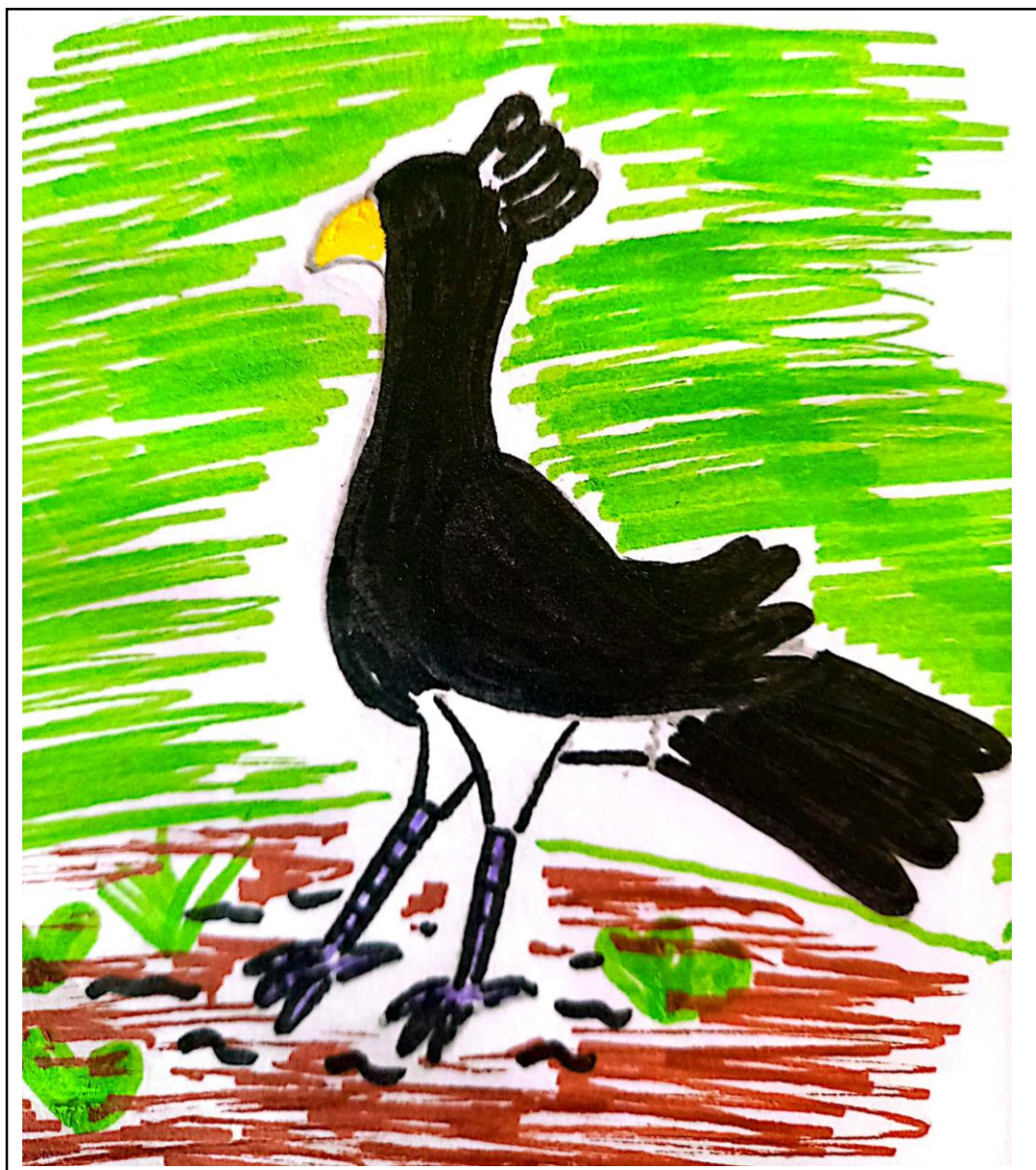
p p p p p p p p p p p p

Y Y Y Y Y Y Y Y Y Y Y

y y y y y y y y y y y y

a a a a a a a a a a a a a a a

TXANGLOKENI



IRWAM OREN TXANGLOKENI

İROYMİ TWOLİ TXANGLOKENI.

İROYE AGULİ TXANGLOKENI

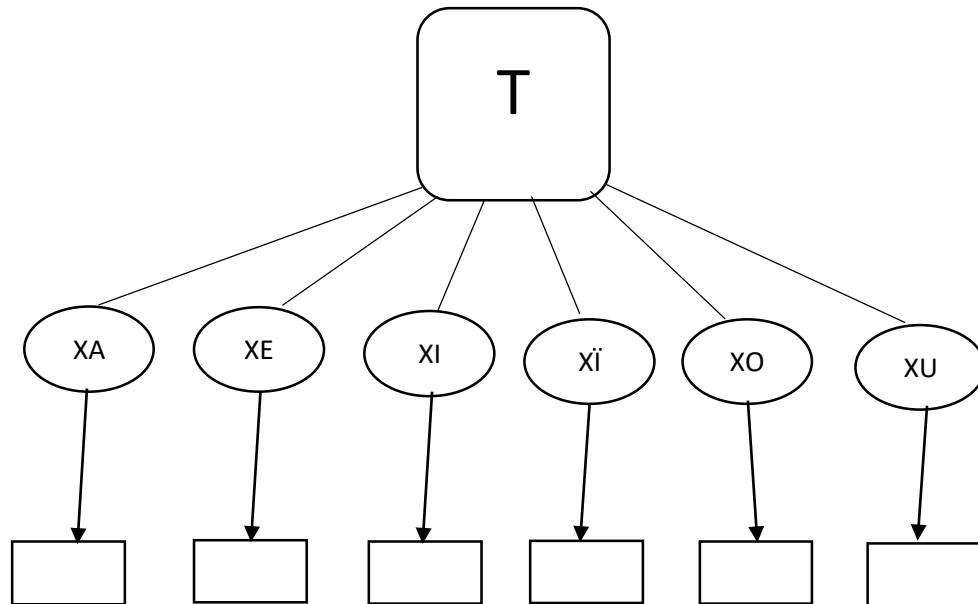
TXANGLOKENI GANKAN OREN İROYE EGİ.

TXA – TXE – TXI – TXİ – TXO – TXU

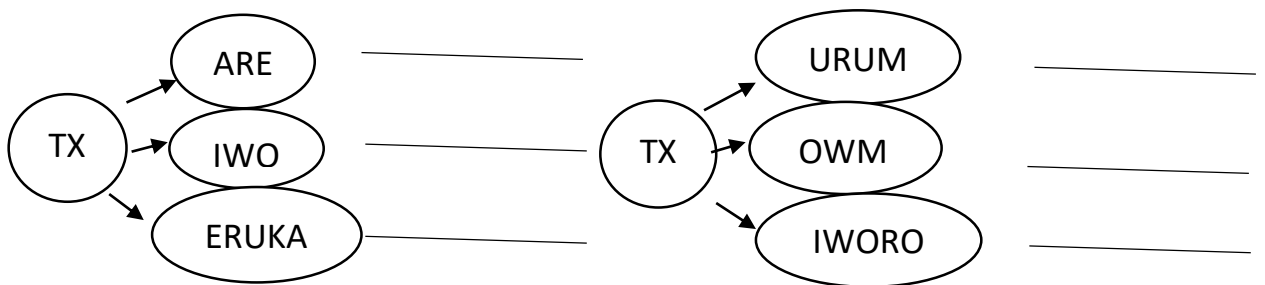
A – E – I – İ – O – U

Mamingo

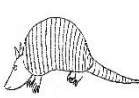
Enpatko mīra iwoloketpot



Iwolokek mīra enpatowo, kerup menpatxan mīra

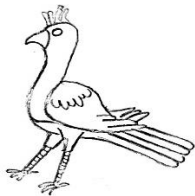


Irikek mïra enpatowo keni ge torerem

		TXA		
		TXE		
		TXI		
		TXï		
		TXO		
		TXU		

Iwolokek mīra, mīra iwoloketpot ke:

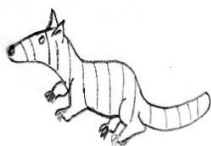
TXA-TXE-TXI-TXĪ-TXO-TXU



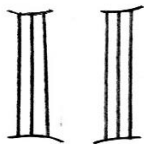
	NG	LO	KE	NI
--	----	----	----	----



	RUN
--	-----



	RU	KA
--	----	----



	WO
--	----



	Owm
--	-----



	RE
--	----

Putereng ko **TX** wok, mīra wok.



IWOLOKEK KERUP MENPATXN

TXA

TXE

TXU

RE

RU

RUN

KA

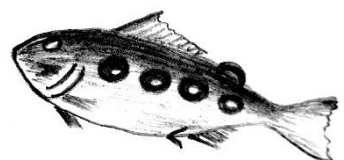
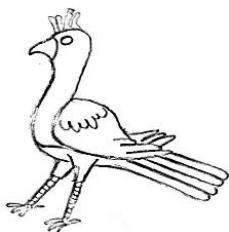
TX TX TX TX TX TX TX

tatataataataataataataataataata

K K K K K K K K K K K K

k k k k k k k k k k k k k k k k

Irïkek ungwo wot keni



WAKALA



WOTXI WARAP OREN WAKALA

WOT KE TĪMTAGRING OREN WAKALA

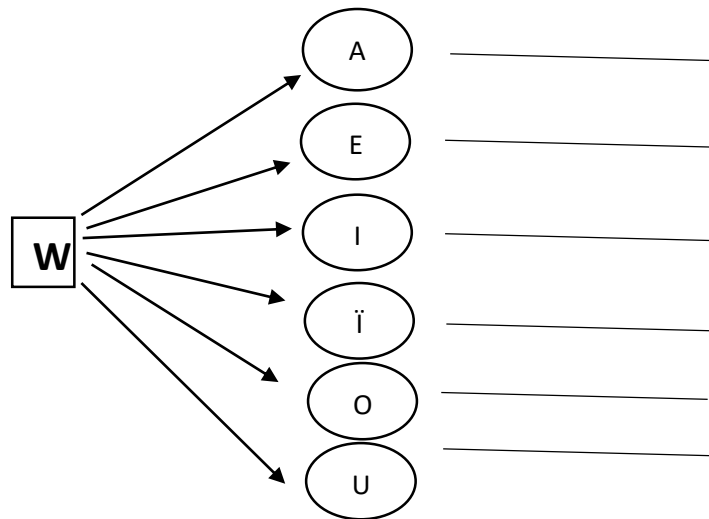
AWETPĪN KWAM TWOLĪ İROYMĪ WAKALA

WA – WE – WI – WĪ – WO – WU

A – E – I – İ – O – U

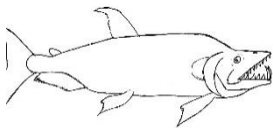
Mamingo

Enpatko mïra iwoloketpot



Enpatko mïra, mïra iwoloketpotke

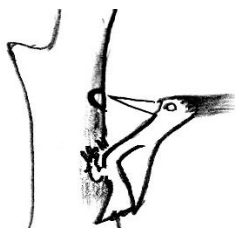
WA – WE – WI – WÏ – WO – WU



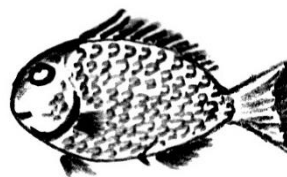
○ WI



○ GA

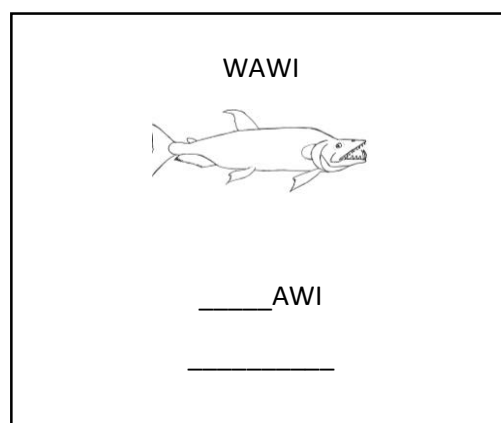
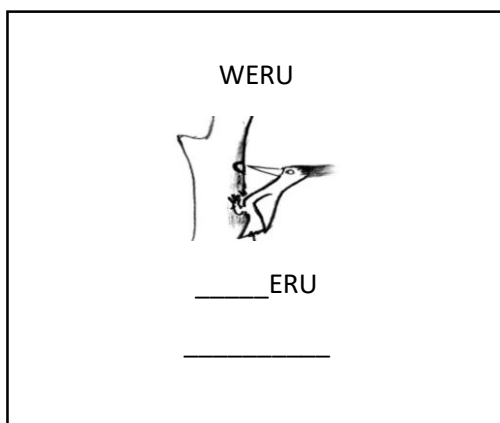
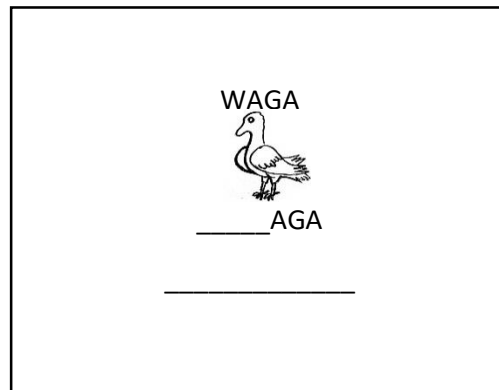
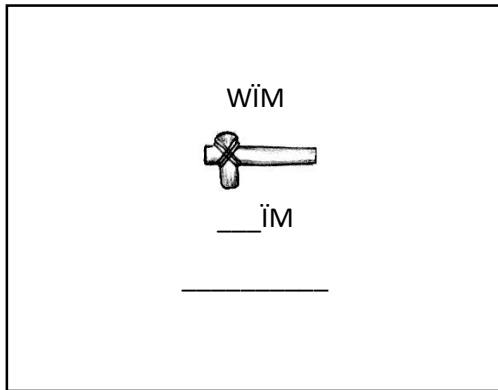


○ RU



○ _M ○ KO ○ RI

Iwolokek mīra **W** ge



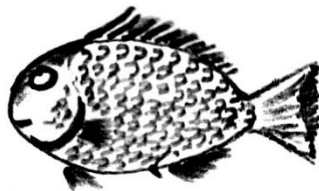
Irikek mīra iwoloketpot, kerup menpatxan.



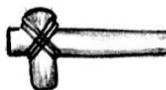
RA	LA	WO
WA	A	KA



KA	WA	RI
KU	PET	GA



KU	KO	RI
WĪM	PET	PA



WĪ	PET	KU
RE	KA	M

u u u u u u u u u u u u u u u u u u u u u u

k k k k k k k k k k k k k k k k k k k k k k

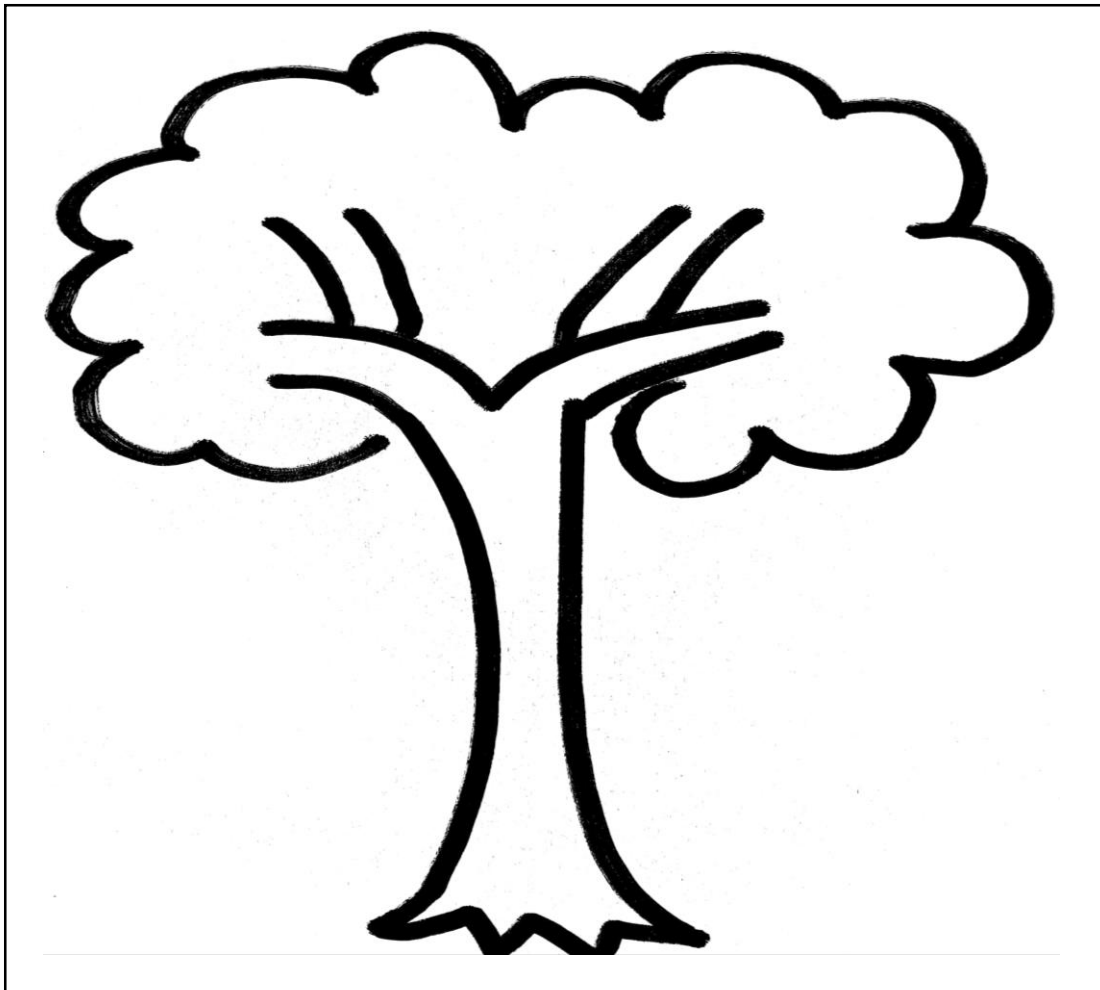
l l l l l l l l l l l l l l l l l l l l l l l l l l l l

a a a a a a a a a a a a a a a a a a a a a a

a a a a a a a a a a a a a a a a a a a a a a

a a a a a a a a a a a a a a a a a a a a a a

YAY



OMPAN ANGTELĬ YAY EPROGRU
TXITXI GUNU GE IKĬNTELĬ YAY
TUKTO RONPAP NEN YAY KĬLU
TXA – TXE – TXI – TXĬ – TXO – TXU
A – E – I – Ĭ – O – U

Mamingo

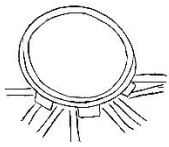
Eneng mīra kerup putereng mīget man **Y** pok

YAPAKO YEGO YĪKTXI YOROKGRĪ YUMPUNO

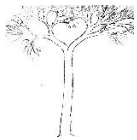
YEKYEKYE YAREMTE YARANG YOGO YALAK

Iwolokek mīra enpatowo kerup menpatxan

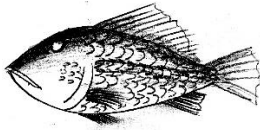
YA-YE-YI-YĪ-YO-YU



	PA	KO
--	----	----



	GO
--	----



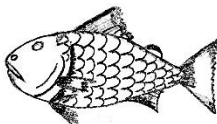
	REM	TE
--	-----	----



	KWA
--	-----



	LAK
--	-----



	ROK	GRĪ
--	-----	-----

